



ANA CECÍLIA MOZ ALVES RODRIGUES

**O PAPEL DOS CONHECIMENTOS E VALORES
TRANSMITIDOS PELA ESCOLA, NA CONSTRUÇÃO DE
MUNDO DE UMA COMUNIDADE CAIÇARA DO RIO DE
JANEIRO**

**CAMPINAS
2014**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ANA CECÍLIA MOZ ALVES
RODRIGUES**

**O papel dos conhecimentos e valores transmitidos pela escola,
na construção de mundo de uma comunidade caiçara do Rio de
Janeiro**

Orientador(a): Profa. Dr^a. Anna Regina Lanner de Moura

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de
Pós- Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Ensino de
Ciências e Matemática, na área de concentração de Ensino de Ciências e Matemática.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELA ALUNA ANA CECÍLIA MOZ ALVES
RODRIGUES E ORIENTADA PELA PROFA.DR^a. ANNA REGINA
LANNER DE MOURA

Assinatura do Orientador

**CAMPINAS
2014**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

R618p Rodrigues, Ana Cecília Moz Alves, 1987-
O papel dos conhecimentos e valores transmitidos pela escola na construção de mundo de uma comunidade caiçara do Rio de Janeiro. / Ana Cecília Moz Alves Rodrigues. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Anna Regina Lanner de Moura.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Derrida, Jacques, 1930-2004. 2. Desconstrução. 3. Caiçara (RJ). I. Moura, Anna Regina Lanner de, 1945-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The role of knowledge and values transmitted by school in the world's construction by one community caiçara in the Rio de Janeiro.

Palavras-chave em inglês:

Derrida, Jacques, 1930-2004

Deconstruction

Caiçara (RJ)

Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática

Titulação: Mestra em Ensino de Ciências e Matemática

Banca examinadora:

Anna Regina Lanner de Moura [Orientador]

Guilherme do Val Toledo Prado

Alexandrina Monteiro

Data de defesa: 20-08-2014

Programa de Pós-Graduação: Ensino de Ciências e Matemática

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

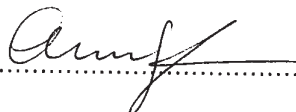
O PAPEL DOS CONHECIMENTOS E VALORES TRANSMITIDOS
PELA ESCOLA, NA CONSTRUÇÃO DE MUNDO DE UMA
COMUNIDADE CAIÇARA DO RIO DE JANEIRO

Autor : Ana Cecília Moz Alves Rodrigues
Orientador: Profa. Dr^a. Anna Regina Lanner de Moura

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
defendida por Ana Cecília Moz Alves Rodrigues e aprovada
pela Comissão Julgadora

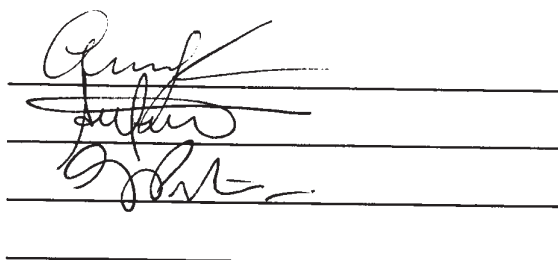
Data: 20/08/14

Assinatura:.....



Anna Regina Lanner de Moura

COMISSÃO JULGADORA:



**“Será revolucionário quem a si próprio
conseguir revolucionar-se”**

(Ludwig Wittgenstein, 1980, Cultura e
Valor, pág 71)

RESUMO: O presente trabalho busca problematizar, através de uma visão terapêutica Wittgensteiniana, os significados da escola, para uma comunidade caiçara localizada em uma reserva ecológica no sul do Estado do Rio de Janeiro. Utilizando-se da desconstrução, proposta por Derrida, as falas dos entrevistados serão trabalhadas em narrativas que buscarão intercalar as questões trazidas pelos personagens com enxertias buscadas na bibliografia. As narrativas se propõem a desfazer paradigmas usuais buscando os rastros dos significados das palavras e expressões trazidas nas falas. O objetivo é abrir novas possibilidades e novas visões, através de uma prática terapêutica, que possam auxiliar no desdobramento das principais questões abordadas.

Palavras-chave: Escola caiçara; Populações caiçaras; Reserva Ecológica da Juatinga; Terapia gramatical desconstrucionista; Wittgenstein; Derrida.

ABSTRACT: The present study aims to problematize, through a Wittgensteiniana therapeutic view, the meanings of school for a Caiçara community, located in an ecological reserve at the Southern of Rio de Janeiro state. Adopting the deconstruction, proposed by Derrida, the comments of the interviewees will be built in narrative structures, which will aim to intercalate the issues brought by the characters with graftings taken from the bibliography. The narratives are proposed to undo common paradigms, fetching the traces of the meanings of the words and expressions brought in the comments. The goal is to open possibilities and new views, through a therapeutic practice, which may help in the deployment of the main issues addressed.

Keywords: Caiçara school; Caiçara populations, Juatinga Ecological Reserve, Deconstruction grammatical therapy, Wittgenstein; Derrida.

Sumário

Introdução.....	01
Contextualizando as narrativas.....	17
O entorno da escola caiçara: contextualizando a comunidade do Pouso da Cajaíba através do olhar do Caiçara.....	25
O olhar do caiçara sobre a escola caiçara: abrindo novos caminhos.....	45
Tecendo algumas observações finais... porém, não conclusivas.....	71
Referências.....	75
Apêndice 1: Questionário professores da escola.....	81
Apêndice 2: Questionário membros da comunidade.....	83
Anexo 1.....	85

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus que certamente me abençoou na proposição deste trabalho, assim como sempre tem me abençoado e me guardado em todas as etapas de minha vida.

Quero agradecer à meus familiares e amigos, que sempre tem me incentivado durante meus estudos, compreendendo as muitas ausências nas atividades de finais de semana. Agradeço, em especial, à Marcelo Rissi e Denize Moz que me auxiliaram nas correções ortográficas e traduções necessárias para a finalização deste texto.

Quero agradecer a comunidade caiçara do Pouso da Cajaíba, assim como aqueles que me cederam as entrevistas que compuseram este trabalho. Agradeço a receptividade com a qual fui recebida e a confiança que em mim foi depositada para que eu pudesse trazer um pouco das compreensões de escola presentes na comunidade.

Quero agradecer à minha orientadora Anna Regina Lanner de Moura, pela paciência e apoio durante toda esta trajetória. Pelas correções e sugestões tão preciosas no decorrer deste texto. Ao professor Drº. Antônio Miguel, que dividiu comigo e demais orientandos, todo seu conhecimento acerca de terapia filosófica, desconstrução Derridiana e Wittgenstein. Agradeço também ao grupo de pesquisa PHALA, seus membros e seus coordenadores responsáveis que enriqueceram grandemente este texto devido as discussões ocorridas nas reuniões.

Agradeço aos coordenadores do Programa de Pós-graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática (PECIM), à secretaria de pós-graduação da FE e à CAPES que possibilitou o financiamento deste mestrado e das viagens à campo.

Introdução

Não vejo outra forma de iniciar este texto que não seja explicitando a minha paixão pela natureza e que muito cedo foi aguçada pelas frequentes idas que fazia com a família à comunidade¹ caiçara do Pouso da Cajaíba. Sempre gostei de vislumbrar ambientes naturais, preferencialmente intocados pelo homem ou quando com alguma intervenção humana, que fosse a menor e mais harmônica possível. As populações tradicionais², de modo geral, conseguem preservar um modo sustentável de relação com a natureza, talvez porque necessitem mantê-lo relativamente equilibrado com a finalidade de suprir suas próprias necessidades ou porque simplesmente não estão tomados pela ganância que os faça extrair mais³ do que o necessário a sua subsistência. De qualquer modo, a paisagem formada por esta interação me traz uma sensação agradável, que muito prezo.

O Pouso da Cajaíba é uma comunidade caiçara, presente no sul do Rio de Janeiro, próxima da cidade histórica de Paraty. A formação da população da comunidade caiçara presente nessa localidade se deu com a miscigenação de portugueses, índios e negros, que não está apenas estampada em suas características físicas, mas também em sua cultura e sua arte. Visitei essa comunidade, pela primeira vez, aos 13 anos de idade, portanto, há quase 14 anos

¹ Comunidades são agrupamentos humanos com mais de 50 integrantes (Igara Consultoria em aquicultura e gestão ambiental, 2011)

² Populações tradicionais são definidas, conforme o decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, como "grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição."(artigo 3º)

³ A extração de recursos florestais promove o desenvolvimento sustentável, definido pelo decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, como "o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria das qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras" (artigo 3º)

e, até este presente momento guardo na memória a trajetória que realizei em meio às verdes e exuberantes montanhas da reserva ecológica da Joatinga, Unidade de Conservação onde está localizada⁴ a comunidade do Pouso da Cajaíba. É o verde da sensação de paz que experimentei pela primeira vez, ainda na adolescência. Tantas foram as boas experiências de passeio nessa comunidade, que foi impossível não nutrir uma profunda admiração pelos moradores, sua forma de vida, seus costumes e, conseqüentemente, simpatia pelos seus dramas e anseios.⁵

Mas antes de falarmos sobre a comunidade, voltemos à trajetória que faço até a chegada à comunidade. Assim que desembarco na rodoviária de Paraty, depois de percorrer aproximadamente 6 horas nas estradas que ligam o Estado de São Paulo ao litoral do sul do Rio de Janeiro, dirijo-me ao cais dos pescadores. Há poucos anos atrás, Paraty dispunha de apenas um cais localizado no centro histórico da cidade, centro esse tombado pelo IPHAN⁶ desde 1958, e buscando o reconhecimento pela UNESCO⁷ de Patrimônio da Humanidade. Recentemente, o cais instalado no centro histórico da cidade foi mantido apenas com barcos que

⁴ As Unidades de Conservação são regulamentadas pela Lei nº 9.985, de 18 de Julho de 2000 que estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das Unidades de Conservação.

⁵ Problematicando o meu olhar idealizado sobre a comunidade caiçara do Pouso da Cajaíba, trago comentários de Mário Bruno acerca de um capítulo do livro de Lévi-Strauss, denominado Tristes Tópicos, onde ele trata sobre a aculturação dos povos primitivos. No capítulo “Lição de Escrita” Lévi-Strauss repete a concepção do “bom selvagem” de Rousseau quando retrata o povo Nhambiquara como inocente e simples e conclui, através de um experimento que realizou entre os Nhambiquara, que a escrita tem o papel primordial de facilitar a subordinação dos povos. Derrida imprimiu duras críticas a Lévi-Strauss dizendo que escrita e violência não são ações que vêm de fora, pelo contrário, elas estão sempre entre a comunidade. Não existe uma origem para a corrupção do homem.

⁶ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

⁷ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

servissem ao turismo, e um novo cais para os pescadores foi instalado num bairro próximo, fora do centro histórico. Nesse cais, próprio para os pescadores, é que embarco em uma das navegações com destino ao Pouso da Cajaíba, pois dificilmente as embarcações destinadas ao turismo fazem tão longo trajeto. Se o tempo estiver adequado ao embarque, pode-se realizar a trajetória, senão, é necessário esperar um próximo dia na cidade de Paraty.

No belo caminho à comunidade, beirando a costa da Reserva Ecológica da Juatinga, deparo-me com uma exuberância verde, típica de uma Mata Atlântica pouco explorada pelo homem. Próximo à linha do mar, algumas casas surgem. Casas de veraneio, pomposas, belíssimas como também casas simples, com um pequeno barquinho ancorado em frente. Em pouco mais de uma hora de viagem é possível observar algumas comunidades praieiras, separadas por grandes trechos de morro. A comunidade do Pouso da Cajaíba fica um pouco além e precisamos viajar mais uma hora até nosso destino final.

Quase sempre que chego, vejo um grupinho de rapazes jogando futebol num campinho improvisado à beira mar. As lanchinhas a motor também participam desse cenário, sendo importantes protagonistas nesse local onde representam o meio de transporte mais eficiente e veloz até a cidade. Crianças estão sempre andando pela comunidade, brincando no mar, no córrego que desemboca na praia, ou pelas ruelas da comunidade. As casas dos pescadores estão espalhadas desde o pé do morro, até pontos um pouco mais distantes da praia. Os barcos, por não existir um cais, ficam ancorados nos arredores da praia. A escola, única instituição presente na comunidade, financiada pelo poder público, encontra-se logo atrás da linha dos barzinhos. A professora mais antiga da escola nos conta que em sua época, esses barzinhos não existiam, e as crianças podiam olhar o mar através da porta da sala de aula. Ao lado da escola, ergue-se imponente um pé de Tamarindo, famoso ponto de encontro da comunidade, que é guardado pelo respeito de todos os moradores assim como por lendas sobre seu possível surgimento. Os habitantes locais afirmam que o pé de Tamarindo foi ali plantado

há mais de 400 anos pelo Padre Anchieta, que parou no Pouso para descansar de uma grande navegação que realizava⁸.

Sempre quis realizar um trabalho na comunidade, pois nutria grande curiosidade em compreender de forma mais sistemática como as relações entre comunidade e escola se davam. Hoje avalio que meus objetivos iniciais eram altamente falhos pois, por mais honrosos que fossem, pautavam-se em auxiliar os moradores daquele local a melhorar algum aspecto de suas vidas que eu julgava necessário melhorar. Caso meus planos iniciais se concretizassem, eu estaria certamente recorrendo ao erro de tentar “encaixar” a comunidade e seus significados de escola naquilo que pertencia aos meus pobres conceitos de certo e errado, e talvez não levasse em consideração a real inexistência de juízos de valor quando se pretende compreender os diferentes usos que se fazem dos significados de escola. Certamente eu incidiria no erro de realizar alguma intervenção na comunidade à luz de minhas próprias práticas culturais, práticas essas que já são realizadas por outras instâncias e que, de fato, confirmam a inviabilidade desse tipo de conduta devido a seu processo de gênese unilateral.

No ano de 2013, no Programa de Pós graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática vislumbrei a oportunidade que tanto desejava de desenvolver algum trabalho onde eu pudesse entender o papel da escola na comunidade, não só através do meu olhar, mas pelo olhar dos meus entrevistados e dos estudiosos de populações tradicionais. E foi neste programa de pós-graduação que me aproximei da linha de pesquisa que me orienta a não fazer uma “dieta unilateral”⁹, mas a ver de outras formas os modos de como a comunidade concebe a escola que lhe pertence.

Pelo fato de não poder lidar, justamente, com um discurso unilateral de mundo, busco descrever os caminhos aqui escolhidos na interpretação e manipulação das entrevistas coletadas em campo, através de inspirações na

⁸ CARVALHO, 2010

⁹ Expressão usada aqui no significado Wittgensteiniano de compreender sob uma única abordagem um fenômeno, uma palavra, uma ação. (GRAYLING, 1996).

filosofia da linguagem pós-estruturalista, mais especificamente na filosofia do segundo Wittgenstein¹⁰.

Já não é tarefa simples conceituar com precisão o que seria o estruturalismo, menos simples ainda é determinar o conceito de pós-estruturalismo. Resumidamente, podemos dizer que no pós-estruturalismo, a teoria estruturalista seria utilizada para questionar e problematizar os alicerces nos quais estaria fundado o próprio estruturalismo.¹¹

“Nesse sentido, o pós-estruturalismo, em relação a seu predecessor, poderia ser metaforicamente comparado a alguém que avança numa piscina cada vez mais funda até que seus pés não mais possam tocar o chão. Quando o estruturalismo “perde o chão”, penetramos no domínio pós-estruturalista.” (VASCONCELOS, 2003, p. 74)

Antes mesmo das idéias de Wittgenstein, no século XVIII, Johann Gottfried von Herder já anunciava que a linguagem não era uma ferramenta neutra ou “inocente”, comandada pelo pensamento e pelo espírito, mas sim aquela por onde o pensamento se exerce e se constitui, sendo ainda essa linguagem fruto do contexto histórico, mutável no tempo e no espaço.¹²

¹⁰ Ludwig Wittgenstein foi um filósofo austríaco do século XX cuja obra é dividida em dois momentos fundamentais, a saber, o chamado primeiro Wittgenstein e o segundo Wittgenstein. O primeiro Wittgenstein é marcado pela publicação do *Tractatus Logico-Philosophicus* onde o autor busca demonstrar que os problemas da filosofia solucionariam-se caso houvesse uma compreensão adequada do funcionamento da linguagem. Já o segundo Wittgenstein, marcado especialmente pela obra *Investigações Filosóficas*, supera a visão de que a linguagem teria uma única essência e uma única lógica (trazida pelo primeiro Wittgenstein). Para o filósofo, a linguagem teria, no entanto, uma coleção de múltiplas e diferentes práticas, cada uma delas com sua própria lógica. (GRAYLING, 1996).

¹¹ VASCONCELOS, 2003

¹² SCHMITZ, 2004

Essa idéia é melhor desenvolvida na segunda fase da obra de Wittgenstein, já no século XX, onde pode-se compreender que o autor abandona uma suposta teoria da significação, trazida na primeira fase de sua obra, e passa a descrever os usos cotidianos da linguagem.¹³ Wittgenstein, no primeiro momento de sua obra, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, os problemas filosóficos derivariam de uma incorreta interpretação da lógica de nossa linguagem; já na segunda fase de sua obra, o autor adquire outra visão sobre o significado da "lógica da linguagem". No segundo Wittgenstein nos é trazida a compreensão de que não seria possível resolver os problemas filosóficos com uma teoria filosófica sistemática, mas sim, através de um processo terapêutico, lidando com uma questão da mesma forma que se lidaria com uma doença.¹⁴

"O significado não consiste na relação denotativa entre palavras e coisas ou numa relação figurativa entre proposições e fatos; o significado de uma expressão é, antes, seu uso na multiplicidade de práticas que vão compor a linguagem. Além disso, a linguagem não é algo completo e autônomo que pode ser investigado, independentemente de outras considerações, pois ela se entrelaça com todas as atividades e comportamentos humanos; conseqüentemente, nossos inúmeros diferentes usos dela recebem conteúdo e significado de nossos afazeres práticos, nosso trabalho, nossas relações com as outras pessoas e com o mundo que habitamos - em suma, uma linguagem é parte do tecido de uma "forma de vida" inclusiva." (GRAYLING, 1996, p.90)

Na obra *Investigações filosóficas*, Wittgenstein critica a busca por uma linguagem ideal baseada numa lógica matemática, indicando que essa busca acabaria em um vazio, pois a palavra ideal seria enganosa ao pretender a existência de uma linguagem perfeita, superior à linguagem corrente.¹⁵ Apesar

¹³ SCHMITZ, 2004

¹⁴ GRAYLING, 1996

¹⁵ Proposição nº 81 de *Investigações Filosóficas*

dessa afirmação, o autor recorda ao leitor que o ideal é uma idéia fixada aos nossos pensamentos e que não pode ser removida. A ideia de se fazer uma crítica à linguagem olhando-se "pelo lado de fora" é impossível pois, segundo o autor, não existiria um "lá fora".

"A ideia está colocada, por assim dizer, como óculos sobre o nosso nariz, e o que vemos, vêmo-la através deles. Não nos ocorre tirá-los."(Wittgenstein, 1994, p. 69)

O objetivo da terapia filosófica não seria, portanto, o de revelar algo que o leitor deveria descobrir, mas sim, fazê-lo refletir sobre outros significados que podem já estar contidos naquilo que o leitor conhece, e que serão abertos através dos deslocamentos das palavras em diferentes usos. Esse saber não é colocado num sentido cientificista, mas sim, num saber que evoca uma familiaridade com o uso que fazemos das palavras. A doença filosófica, a ser tratada pela terapia, decorreria de um certo tipo de esquecimento advinda pela maneira na qual empregamos as palavras nos discursos filosóficos. Para curar tal enfermidade, seria necessário ao filósofo retornar ao seu ambiente cotidiano a fim de compreender que a doença impregnada na questão advém de uma visão parcial e insuficiente da gramática,¹⁶ presente nesses discursos. Através dessa estratégia, o filósofo "doente" pode observar que, quando apegase a certas proposições exclusivas para determinar sentido às suas falas, ele deixa de ter uma perspectiva mais ampla do funcionamento da linguagem.¹⁷ Wittgenstein nos chama ainda a atenção à natureza heterogênea da linguagem, enunciado pelos diferentes jogos de linguagem¹⁸, ao salientar o aparecimento de uma confusão filosófica quando se

¹⁶ Para Wittgenstein, este termo refere-se mais à semântica das proposições do que à sintaxe.(SCHMITZ, 2004, p.149)

¹⁷ SCHMITZ, 2004

¹⁸ Em *Investigações Filosóficas*, o autor enfatiza que não poderíamos denominar determinados processos de jogos quando visualizamos entre eles características que lhes sejam comuns, pois o que enxergamos são semelhanças entre eles, que aparecem e

dá o entrecruzamento desses diversos jogos de linguagem, isto é, quando se dá a utilização de palavras de um jogo de linguagem conforme as regras de outro jogo.¹⁹

"o sentido de uma proposição...não depende (somente) de suas condições de verdade, mas igualmente do contexto no qual ela é enunciada e do uso que dela se faz nesse contexto."(SCHMITZ, 2004, p.140).

Para Wittgenstein, a linguagem não apresenta categorias impermeáveis e imutáveis, onde os conceitos mostram-se rígidos e estáticos. Desse modo, pode o leitor reposturar-se diante da linguagem, adquirindo uma nova atitude que o faça perceber aspectos presentes nas palavras e nos conceitos que a partir de então,

desaparecem quando nos colocamos no esforço de sobrepor um grupo de jogos à outro (parágrafo 66). Tais semelhanças entre diversos tipos de jogos poderiam ser descritas, segundo o autor, como "semelhanças familiares", sendo os jogos, portanto, pertencentes a uma mesma família por partilharem de aspectos em comum que os denominam jogos (parágrafo 67). Desse modo, o autor aborda a linguagem como uma coleção de diferentes jogos de linguagem, pois a linguagem não teria uma essência única. Sendo assim, podemos descrever o significado de uma palavra a partir de seu uso na linguagem, considerando-se a existência de uma multiplicidade de jogos de linguagem, o que não nos permitiria obter um significado que não estivesse atrelado diretamente ao jogo de linguagem no qual a palavra é proferida. (GRAYLING, 1996). O próprio Wittgenstein admite que os limites de um jogo de linguagem não são conhecidos, pois não se traçou nenhum limite (proposição 69), assim como ele também diz que jogos de linguagem são conceitos de contornos imprecisos (proposição 71). Temos ainda que: "Tantas são as formas de vida existentes, tantos são os contextos praxeológicos, tantos são os modos de uso da linguagem, ou, como Wittgenstein se expressa, tantos são os "jogos de linguagem" [...] O conceito de jogo de linguagem pretende acentuar que, nos diferentes contextos, seguem-se diferentes regras, podendo-se, a partir daí, determinar o sentido das expressões linguísticas [...], a significação de uma palavra resulta das regras de uso seguidas nos diferentes contextos de vida"(OLIVEIRA, 1996, apud HEUSER, 2005, p. 77).

¹⁹ GLOCK, 1998

não precisam ter seus significados reduzidos ao que já lhe é conhecido ou então a estruturas fixas, já pré-existentes.²⁰

Para realizar um exercício terapêutico baseado na filosofia Wittgensteiniana, inspirei-me nas estratégias desconstrucionistas de Jacques Derrida. Não denomino aqui a desconstrução como um método, pois se assim o fizer, certamente não compreenderíamos a novidade do pensamento desconstrucionista que visa subverter as noções de conceito e de método e teria, então, que desconstruir o método da desconstrução.

"transformando a desconstrução num conceito ou num método de análise, acabamos domesticando seu potencial de abalar as estruturas do pensamento logocêntrico." (VASCONCELOS, 2003, p. 78)

A priori, quando tomamos determinados pressupostos binários, como por exemplo: causa/efeito, fala/escrita, teoria/prática, homem/mulher etc., observamos que comumente, um dos termos, em cada uma das dicotomias, é privilegiado em relação ao outro²¹. A proposta da desconstrução é inverter a hierarquia desses conceitos, procurando pensar o segundo termo, não mais como secundário e derivado do primeiro, e sim como principal e originário. A idéia não seria apenas inverter a hierarquia dos conceitos mas sim produzir um jogo que provocasse uma alternância incessante de um termo sobre o outro, de forma a não privilegiar ambos, sem incorrer na redução de tais conceitos a um terceiro, como provavelmente nos sugeriria Hegel²².

²⁰ OLIVEIRA, 2004

²¹ HEUSER, 2005

²² "O idealismo hegeliano consiste justamente em superar as oposições binárias do idealismo clássico, em resolver sua contradição num terceiro termo que vem "*aufheben*", negar superando, idealizando, sublimando numa interioridade anamnésica (*Errinerung*), *internando* a diferença numa presença- a-si (1975, pp. 55-56)" (DERRIDA, 1975 apud VASCONCELOS, 2003, p.75).

Porém Derrida não buscou, através dos processos desconstrutivos, promover a rejeição de uma obra, mas sim buscar reconhecer nela o que lhe havia sido negado, com o cuidado de respeitar a língua na qual o material havia sido inicialmente descrito. O autor propõe que busquemos fazer com que as obras falem no interior de si próprias, através de suas contradições e de seus espaços vazios.

A desconstrução, dessa forma, se revelou como um processo que visa desfazer um sistema de pensamento dominante, auxiliada pelo próprio material deslocado, tomando-se o cuidado de não destruí-lo, pois ele representaria uma herança do Outro, que precisaria ser guardada, numa relação de justiça e amorosidade.

"O resistir à tirania do Um, da metafísica ocidental, supõe desfazer a metafísica mesma da presença, da identidade do ser e/ou do não-ser, desfazer aquela metafísica habitada por binarismos, pelas oposições, essa negação dirigida ao segundo termo, essa não que se diz e se atribui àquilo que não é a palavra, que não é a palavra hierarquizada, em que o outro não é mais do que um Eu espectralizado. Desconstruir a metafísica da presença até refazê-la ou reconstruí-la em um pensamento da diferença." (SKLIAR, 2005, p. 20)

A herança assumida do Outro nos permite viajar para um outro lugar e compreender determinadas proposições sob outros olhares. Essa herança, móvel e inquieta, nos movimenta para um outro lugar, um lugar não conhecido, um lugar de não-conhecimento.²³ A herança implica em uma acolhida e numa reinterpretação àquilo que recebemos, nos impondo uma noção de finitude que nos faz reconhecer aquele que é mais velho e mais poderoso. Dessa forma, vemos que:

²³ "E é a partir de uma incapacidade, a partir de um não-conhecimento, a partir da impossibilidade para responder a essa pergunta, que alguma coisa acontece ali, no lugar onde não há lugar, faz-se acontecimento. Alguma coisa torna-se acontecimento, pois o impossível se torna possível." (SKLIAR, 2005 p.25)

"...a mesma finitude obriga a escolher, a preferir, a sacrificar, a excluir, a deixar cair. Justamente para responder ao chamado que o antecedeu, para lhe responder e para responder por ele, tanto no seu nome quanto no nome do outro. O conceito de responsabilidade não possui o menor sentido fora da experiência da herança. Somos herdeiros de uma herança. Uma herança que está ali, mas que não deve ser, simplesmente, aceita, afirmada sem mais, mas também e sobretudo ela deve ser reativada em outra forma, em outra condição, a partir de um certo tipo de escolhas totalmente diferentes." (SKLIAR, 2005, p. 21)

Para ocorrer a desconstrução é necessário desmanchar uma edificação, fazer com que apareçam suas estruturas e suas nervuras a fim de compreender como alguma coisa está construída. Para Derrida, o chamado à desconstrução se dá na minha relação de respeito e de justiça para com o Outro, ou então, para comigo mesmo como Outro, que me responsabiliza de uma herança que é maior do que eu. Apesar de saber que, por mais que façamos de tudo para nos apropriar de um saber, sabemos que, no fundo, ele permanece inapropriável.²⁴

Para que façamos conforme Derrida nos recomenda, precisamos voltar os olhos à herança que nos foi dada e interrogá-la, por em cheque seus variados sentidos e sem sentidos, examinar suas opressões e compreendê-la como um grande texto aberto a novas e diferentes interpretações, sem recorrer ao erro de privilegiar determinados conceitos em detrimento de outros. Não se trata de perguntar "o que é?", dado que tal questão nos conduziria a uma busca por uma essência única que já superamos.²⁵

Ao examinar os textos em busca de novas e diferentes interpretações e significações, o termo a ser examinado precisa se movimentar para ser reinterpretado. Esse movimento só é possível caso o termo se relacione com outros elementos, que não ele mesmo, constituindo-se um termo presente através

²⁴ SKLIAR, 2005

²⁵ HEUSER, 2005

da relação que ele estabelece com os rastros²⁶ de seu significado no passado. Como tudo começaria a partir de um rastro, então não existiria um rastro que pudesse ser considerado originário.²⁷

"Ao retirar a credibilidade das grandes narrativas e transformá-la em problema, em interrogação, os ideais mais caros deste projeto, as filosofias da diferença abandonam a perspectiva universalista, a ordem fixa das coisas, as certezas que buscam a unidade e calam as diferenças, criando como alternativa aos grandes sistemas de sentido elaborados no curso de toda história da filosofia, as *micrologias*, ou os pequenos relatos, entendidas como a linguagem própria de uma comunidade de vida, sempre contextual, heterogênea e mutável; trata-se agora de milhares de histórias que tecem a trama da vida cotidiana, o que implica levar a efeito a intersubjetividade, a necessidade do outro na construção de significados compartilhados.(HEUSER, 2005, p.74)

E, ao elaborar esses significados compartilhados por diferentes formas de vida e diferentes jogos de linguagem é que podem ser ouvidas as vozes da diferença, que deixam de privilegiar os discursos dominantes e dão espaço às vozes das minorias em um compromisso ético e político daqueles que, muitas vezes, são excluídos do discurso moderno pois não se encaixam na universalização de um modelo de homem moderno, culto e cidadão.²⁸

²⁶ "o termo rastro é usado por Derrida para pensar a estrutura de significação em função do jogo das diferenças que supõe sínteses e remessas que impedem que um elemento esteja presente em si mesmo e remeta apenas a si mesmo. Tanto na ordem do discurso falado, quanto do discurso escrito qualquer elemento, o qual, ele mesmo, não está simplesmente presente. Ou seja, cada termo traz em si o rastro de todos os outros termos que não ele próprio." Segundo Derrida, não existiriam, em qualquer parte, que não fossem rastros de rastros.- (HEUSER, 2005, p. 69)

²⁷ DERRIDA, 1991 apud HEUSER, 2005

²⁸ HEUSER, 2005, p.74

E é com base nessas perspectivas que meu trabalho se apoiará. Nele pretendo encenar uma conversa²⁹, inspirada na estratégia desconstrutiva Derridiana, à sombra do Tamarindo, com os moradores da comunidade caiçara do Pouso da Cajaíba. Estar conversando com esses moradores será sustentado por voltarmos os olhos, à herança escolar que nos foi dada e interrogá-la, por em cheque seus variados sentidos e sem sentidos, examinar suas opressões e compreendê-la como um grande texto aberto a novas e diferentes interpretações, sem recorrer ao erro de privilegiar determinados conceitos em detrimento de outros.

Mas antes de ousar por essa viagem, sinto a necessidade de percorrer alguns usos que são feitos pela literatura do termo Caiçara³⁰. Em diversos dicionários³¹ encontramos as seguintes definições da palavra caiçara: 1) Caboclo ruim, sem préstimo; 2) Caipira; 3) Pescador que vive na praia; 4) Malandro, vagabundo; 5) Indivíduo pouco sério ou desonesto; 6) Indivíduo de pouca instrução e modos rústicos, do Oeste do Brasil. Um dos dicionários on line, nos sugeriu os seguintes sinônimos para esta palavra: caipira, coivara, malandro, tapume e vagabundo. Apenas em um quarto dicionário on line consultado³², encontramos as seguintes definições: 7) Caiçara é uma palavra de origem tupi, que se referia aos habitantes das zonas litorâneas. 8) Caiçara também é o nome de dois municípios:

²⁹ Esta conversa terá como referência as entrevistas realizadas, e não necessariamente sua reprodução literal. As características dos personagens serão mantidas e, os dados trazidos pelos entrevistados, serão articulados conforme as temáticas surgirem. A conversa coletiva foi criada para permitir que os entrevistados contraponham suas opiniões a respeito das mesmas temáticas porém, na realidade, cada personagem foi entrevistado individualmente.

³⁰ O fato de não ter tratado com moradores entrevistados estes significados, me leva anteceder esta terapia à performance da conversa com eles.

³¹ <http://www.lexico.pt> ; <http://www.dicio.com.br>; <http://www.priberam.pt>

³² <http://www.dicionarioinformal.com.br>

um no estado da Paraíba e outro no Rio Grande do Sul. O termo "caiçara" se referia mais aos habitantes do litoral do estado de São Paulo.

Quando me ponho a procurar as definições da palavra "vagabundo", termo pelo qual caiçara é designado em mais de um desses dicionários consultados, encontro: Que não trabalha ou não gosta de trabalhar; Que apresenta péssima qualidade; inferior; Pessoa que vagueia; quem não possui ocupação e/ou objetivos; Aquele que não possui um endereço fixo ou um negócio/ocupação constante; Quem não trabalha e fica sem fazer nada em casa, entre outras definições.

Vejamos que o termo caiçara, muitas vezes está relacionado a um indivíduo que não trabalha, que apresenta "péssima qualidade", que seja "inferior", que não possua uma ocupação constante, um "caboclo ruim e sem préstimo" e um indivíduo de pouca instrução. Perceba que todos esses termos que foram aqui organizados e resumidos nos trazem a noção de que, para o caiçara ser considerado "inferior", há de existir alguém que possa ser considerado superior, ou então detentor de "melhor qualidade", contrapondo-se à definição de "péssima qualidade". Entendo, neste momento, que todas estas definições não foram enunciadas, muito provavelmente, por um indivíduo caiçara e sim pelo Outro que, logicamente, considerou sua cultura e seus saberes "superiores".

Em outra literatura, agora especializada em populações costeiras tradicionais, o autor nos traz, a respeito do termo caiçara que:

"O termo caiçara tem origem no vocábulo Tupi-Guarani *caá-içara* (Sampaio, 1987), que era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Com o passar do tempo, passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores e, mais tarde, para identificar o morador de Cananéia (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1992). Posteriormente, passou a ser o nome dado a todos os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro" (Diegues, 1988).

O cuidado que a literatura especializada no assunto teve ao definir o termo *caiçara*, utilizando-se de um modo de conceituação evidentemente diferente daquele trazido pelos dicionários, nos mostra que os estudiosos do tema já estão se empenhando em quebrar determinados paradigmas que pairam sobre a definição dessas comunidades.

Esse tipo de pensamento, que designa o *caiçara* como um indivíduo fora dos padrões aceitáveis para uma sociedade moderna, é uma atitude que pode ser explicada pela crise dos metadiscursos, que pretendem interpretar toda realidade legitimando o jogo de linguagem dominante e ignorando as demais formas de interpretar a realidade vistas sob os olhares de outras culturas e outras formas de vida. Com a virada linguística, a linguagem é vista e interpretada em constante fluxo, sendo os seus jogos não redutíveis uns aos outros, demonstrando a existência de um profundo respeito à multiplicidade de jogos, irreduzíveis a um único jogo “superior”. Para as filosofias da diferença, não existe um jogo que possa representar uma suposta neutralidade ou universalidade.³³

Em Foucault, encontramos que o discurso não traduz de forma simplista as lutas e os sistemas de dominação, mas ele se resume naquilo pelo que se luta, como um tipo de poder que o indivíduo desejaria apoderar-se.³⁴

Como o sujeito é fruto dos discursos que já habitam o mundo antes mesmo de sua concepção, o sujeito é incapaz de posicionar-se fora desse discurso para, sobre ele, falar³⁵. Portanto, a terapia filosófica, que praticaremos nas narrativas a seguir, estão pautadas nos rastros dos significados das vivências dos entrevistados com a escola da comunidade, evidenciando os jogos de linguagem que se mostrarão presentes nas falas.

³³ HEUSER, 2005

³⁴ FOUCAULT, 1996 apud VEIGA-NETO, 2005

³⁵ VEIGA-NETO, 2005

Contextualizando as narrativas...

As narrativas que aqui serão apresentadas, foram constituídas das falas cedidas pelos entrevistados para que este trabalho fosse possível. Entre professores, ex- professores, ex- alunos e pais de alunos da escola de Ensino Fundamental do Pouso da Cajaíba, foram 11 os entrevistados. As entrevistas ocorreram no primeiro semestre de 2013, algumas na cidade de Paraty e algumas na comunidade do Pouso da Cajaíba. Busquei sujeitos que tivessem algum envolvimento direto ou indireto com o objeto de pesquisa: a escola da comunidade. As entrevistas foram guiadas por um questionário semi-estruturado³⁶, porém, os entrevistados conduziram suas falas conforme os assuntos fossem surgindo durante a conversa, por esse motivo, o tempo de duração das entrevistas variou muito de um sujeito para outro. Todas as entrevistas foram transcritas utilizando-se, para isso, o software Spress Scribe³⁷. Depois de transcritas, as falas dos entrevistados foram separadas por temáticas sendo que, algumas destas temáticas, mostraram-se recorrentes em grande parte das entrevistas. Essas temáticas recorrentes em quase todas as entrevistas foram os principais eixos norteadores das narrativas aqui construídas. Estas narrativas, por serem diálogos ficcionais, não tem o compromisso de reproduzir literalmente as falas dos entrevistados pois trabalhamos aqui com o espectro dos personagens reais, que nos cederam suas características mais marcantes, desenvolvidas aqui através dos personagens fictícios das narrativas.³⁸ Durante a construção das narrativas, recorri demasiadamente as notas de rodapé por acreditar que tal ato permitisse maior fruição durante a leitura. Algumas dessas notas são explicativas, outras comentativas e algumas são apenas indicativas.

Mas, voltando-se a escola da comunidade do Pouso da Cajaíba, falemos

³⁶ No apêndice 1 se encontra o questionário aplicado aos professores e ex-professores da comunidade. No apêndice 2 se encontra o questionário aplicado aos demais membros da comunidade que cederam entrevistas ao pesquisador.

³⁷ Software gratuito que auxilia na transcrição de entrevistas. Disponível para download no site: www.baixaki.com.br.

³⁸ McDONALD, 2013

um pouco sobre o espaço físico da instituição. A construção, onde se localiza a escola, é constituída de uma sala de aula, uma sala de biblioteca, um refeitório e uma cozinha com despensa. Nela trabalham uma professora, moradora da comunidade há muitos anos, uma merendeira, nascida na comunidade e uma auxiliar que cuida da biblioteca e realiza algumas atividades extra-curriculares com os alunos. A escola atende crianças que cursam o Ensino Fundamental 1, em salas multisseriadas, ou seja, uma turma que vai do 1º ao 2º ano estudando no período da manhã e outra turma que vai do 3º ao 5º ano estudando no período da tarde, com apenas uma professora em sala de aula orientando as duas turmas, simultaneamente. A escola é administrada pela secretaria de educação do município de Paraty.

Mas a escola do Pouso da Cajaíba poderia ser considerada uma escola rural comum, caso não nos atentássemos para a sua localização geográfica e todos os advenços do dia-a-dia de seus habitantes que decorrem disso.

O Pouso da Cajaíba localiza-se dentro da Reserva Ecológica da Juatinga. Essa reserva foi criada em 1992 e foi a primeira unidade de conservação do Estado do Rio de Janeiro a prever em seus fundamentos, além da preservação da Mata Atlântica, a manutenção sustentável das populações tradicionais ali existentes. Em um dos limites da reserva ecológica da Juatinga, situa-se o luxuoso condomínio de Laranjeiras, considerado o mais caro da América Latina, cujos condôminos tem interesse declarado em expandir os domínios do empreendimento para dentro da REJ³⁹ comprando terras caixaras a preços módicos.⁴⁰

A REJ fica dentro da APA⁴¹ Cairuçu, estabelecida pelo decreto Federal 89.242/83, visando a proteção das regiões de grande interesse ecológico ali existentes. Além da REJ, a APA Cairuçu conta ainda com o Parque Ecológico de Paraty- Mirim e as reservas indígenas de Araponga e Paraty-Mirim.

³⁹ Reserva Ecológica da Juatinga

⁴⁰ MANSO, 2010.

⁴¹ Área de Proteção Ambiental segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC- Lei 9.985/2000)



Figura 1: Mapa da APA Cairuçu contendo a REJ. A comunidade do Pouso da Cajaíba está circulado em vermelho na figura.⁴²

A comunidade do Pouso da Cajaíba começou a ser povoada devido a uma fazenda de café que existia na praia Martins de Sá, até meados do século XIX. Como a praia do Pouso é abrigada por uma enseada protegida pelos costões rochosos da Ponta da Juatinga, o mar apresenta condições para que os barcos, trazendo pessoas e mercadorias, com destino à fazenda da praia Martins de Sá, pudessem atracar tranquilamente, pois em Martins de Sá isso não era sempre possível. Por esse motivo, o Pouso da Cajaíba possui o termo “Pouso” em seu nome.

Atualmente, essa fazenda de café não existe mais e a praia de Martins de Sá possui apenas uma família residente, a família do Seu Maneco, que cuida do único camping da praia.⁴³

⁴² Fonte: <http://meumundoeumaviagem.blogspot.com.br/2010/08/paraty-e-para-mim.html>

⁴³ No ano de 2012, a família de Seu Maneco conseguiu garantir na justiça o direito de permanecer na praia Martins de Sá. Contra ele e sua família havia um processo desde 1999 cujo representante alegava que era o herdeiro da fazenda Martins de Sá. Acredita-

A origem do Pouso da Cajaíba é recontada através das lembranças de seus moradores que sempre chegam a um nome comum: Cândido Xavier. Segundo os moradores da comunidade, Cândido Xavier teria sido um ex- escravo que comprou todas as terras do Pouso da Cajaíba e as dividiu entre seus descendentes. Apesar de ser do conhecimento geral que na localidade já existiam algumas fazendas, a origem da comunidade está ligada à figura de Cândido Xavier como o patriarca original e as famílias que atualmente possuem mais terras seriam aquelas diretamente descendentes dos herdeiros de Cândido Xavier.⁴⁴

Até o início do século XX, os caiçaras subsistiam através de atividades agrícolas (roça), pesca artesanal⁴⁵, extrativismo vegetal, artesanato, caça e criação de pequenos animais, produção de farinha de mandioca e aguardente⁴⁶. O que era excedente nessa produção, era comercializado nos centros urbanos mais próximos da comunidade e transportado através de embarcações caiçaras, que demoravam muitas horas para chegar até a cidade. Com a introdução dos barcos a motor, o caiçara ficou mais afastado das atividades da roça, pois o trajeto à cidade tornou-se mais fácil e constante, fazendo com que o caiçara ficasse mais dependente dos produtos vendidos na cidade.⁴⁷

As roças dos caiçaras, as que ainda persistem numa comunidade onde poucos praticam tais atividades, localizam-se numa área denominada pelos

se que os autores do pedido de reintegração de posse feito à justiça estavam interessados na construção de um empreendimento imobiliário de frente para a praia. Fonte: (<http://reporterbrasil.org.br/2012/07/caicaras-conseguem-garantir-na-justica-direito-de-permanecer-em-praia-em-parati-rj/>)

⁴⁴ Rosa, 2005.

⁴⁵ Além da pesca realizada no mar, essa modalidade inclui também a confecção de redes e a coleta de animais marinhos, como ostras e mariscos.

⁴⁶ O isolamento no qual as populações caiçaras se encontravam “criou uma estreita intimidade e dependência entre o habitante do litoral e o meio ambiente, pois o caiçara deveria contar com os recursos naturais locais, de onde precisava retirar quase tudo que necessitava para sobreviver” (Igara Consultoria em aquicultura e gestão ambiental, 2011, pág 7)

⁴⁷ Carvalho, 2010.

moradores como “sertão”. Por outro lado, nos morros e próximo à praia estão localizadas as moradias, sempre bastantes próximas umas das outras, e nota-se, entre elas, a ausência de muros ou cercas que delimitem propriedades, permitindo que os moradores transitem livremente entre os terrenos das casas uns dos outros. Na praia, além de localizarem-se alguns bares montados para atender aos turistas que eventualmente aparecem nos feriados e fim de ano, acontecem os eventos sociais da comunidade, como os encontros comunitários, as partidas de futebol entre os moradores e o encontro dos pescadores, que se unem para tecer suas redes à beira mar.⁴⁸

Atualmente, o Pouso da Cajaíba é a segunda localidade mais ocupada da Reserva Ecológica da Juatinga, com um total de quase 200 construções, sendo aproximadamente um quarto dessas de veranistas⁴⁹. Observa-se uma tendência, na comunidade, de que ela esteja se transformando de comunidade agricultura-pesqueira de subsistência a um destino turístico e de veraneio, devido aos altos índices de turistas que procuram o local para feriados e fins de semana.

Nesse cenário, a vida parece correr mansa, à revelia do mar inquieto. O andar sem pressa de seus moradores esconde uma preocupação e uma esperança que sempre me intrigaram nos frequentes períodos de convivência que tive com a comunidade, desde a minha adolescência. Até há pouco tempo essa maneira de se viver não se apresentava para mim como algo compreensível até o momento em que me propus a fazer este estudo.

Nesse mesmo cenário, ao pé de um tamarindo, aliás, único na ilha sentei-me, ao ar livre, para conversar com alguns moradores da comunidade, buscando

⁴⁸ Carvalho, 2010.

⁴⁹ Alguns moradores de comunidades caiçaras vendem suas posses a turistas e acabam construindo novas moradias morro acima, o que aumenta a densidade de casas na localidade e intensifica a pressão sobre os recursos naturais locais. Com as crescentes restrições de ocupação dos morros impostas pela legislação ambiental vigente na Reserva Ecológica, os caiçaras acabam migrando para a periferia das cidades, o que resulta em maior marginalização do caiçara, aumentando os bolsões de pobreza. (Igara Consultoria em aquicultura e gestão ambiental, 2011)

tecer um diálogo⁵⁰ terapêutico⁵¹ sobre uma de suas grandes preocupações: a escola do Pouso, com o propósito de compreender os diferentes usos⁵² que a comunidade faz da escola e da vida escolar que transcorre em seu contexto. À medida que a conversa segue, alguns personagens se unem aos já existentes para colaborar com algum novo ponto de vista sobre o assunto já posto, ou para adicionar uma nova preocupação aos questionamentos, transpondo-os para novas perspectivas e deslocando-se em novos olhares.⁵³

As cenas⁵⁴ que ora se seguem, são momentos terapêuticos que nos

⁵⁰ Segundo Maingueneau, “durante muito tempo a Análise de Discurso tomou como objeto os *corpus* por ela analisados independentemente dos atos de enunciação que os haviam tornado possíveis. [...] Atesta essa situação a maneira como era utilizada a noção de instituição: se a língua era reconhecida como uma instituição, o mesmo não ocorria com o discurso. É sobretudo através das questões dos *atos de fala* que uma concepção diferente emergiu. *Apoiando-se em modelos emprestados do direito, do teatro ou do jogo*, a pragmática tentou inscrever a atividade da linguagem em espaços institucionais. Na perspectiva pragmática, *a linguagem é considerada como uma forma de ação*; cada ato de fala [...] é inseparável de uma instituição, aquela que esse ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado” (Maingueneau, 1993, p. 29, apud Miguel, 2010).

⁵¹ A ideia de se fazer terapia filosófica com as falas dos entrevistados, não consiste em colocar em oposição visões de escola da comunidade pesquisada, e sim praticar deslocamentos dessas visões para outros significados para os quais uma prática da terapia filosófica Wittgensteiniana pode ampliar de modo a desconstruir visões/significados unilaterais que possam estar obstruindo novas perspectivas para a comunidade.

⁵² A palavra usos tem aqui o significado de ações orientadas segundo determinados propósitos de um jogo de linguagem.

⁵³ Alguns personagens serão fictícios e inseridos pelo narrador, à medida que se fizer necessário.

⁵⁴ “Sobre a noção de cenografia: De acordo com Maingueneau, o enunciador não é um ponto de origem estável que se expressaria dessa ou daquela maneira; ele está inserido em uma determinada cena enunciativa e é a partir desse “lugar” que o fiador assume um certo *modo de enunciação*. Nesse sentido, para além do *ethos*, que diz respeito à

envolvem⁵⁵ orientados por essas preocupações e pelo propósito de ampliar a compreensão para novos modos de ver a escola e principalmente a escola do Pouso.

imagem do enunciador, caberia ao analista verificar a constituição desse modo de enunciação que, juntamente com a imagem do fiador do discurso, constituem aquilo a que Maingueneau chama quadro cênico.” (Edvania Gomes da Silva. Cenografias, esteriótipos e discurso religioso. - 4º CELLE- Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários- PR, 2010 ANAIS- ISSN 2177-635)

⁵⁵ As falas dos personagens são colocadas e consideradas dentro de um mesmo quadro cênico, no qual a pesquisadora faz as enxertias conforme as temáticas surgirem no diálogo. Os entrevistados são todos moradores da comunidade e possuem ou possuíram alguma relação com a escola, seja de professor, responsável por aluno ou ex-aluno. Todos participaram das entrevistas semiestruturadas que possuíam algumas perguntas pré-elaboradas, necessárias para nortear as falas, segundo o objetivo de entender a relação de cada um com a escola da comunidade. Em cada cena é encenado um dos usos com o propósito de melhor compreendê-lo. Neste primeiro momento trarei uma síntese com as principais ideias trazidas nas entrevistas. Para melhor fluência das narrativas, as falas trazidas foram adaptadas, respeitando-se as características de cada personagem, de maneira que as temáticas aqui abordadas sejam melhor compreendidas pelo leitor.

Cena 1

O entorno da escola caiçara: contextualizando a comunidade do Pouso da Cajaíba através do olhar do Caiçara.

Ao pé do Tamarindo, organizo em formato circular as cadeiras que receberão meus convidados para a conversa. A brisa trazida pelo mar refresca a nossa quente tarde de verão⁵⁶. Teremos uma conversa coletiva para retomar alguns pontos levantados nas entrevistas individuais. Chamo para a sala os entrevistados que me cederam suas falas, seus sonhos e anseios.

Ana Cecília - Olá a todos. Agradeço imensamente o fato de estarem aqui para esta conversa coletiva. Gostaria de realizar neste momento uma troca entre todos nós para retomarmos alguns pontos que foram levantados nas entrevistas individuais. Para dar início a esta nossa conversa quero colocar para vocês a questão que me instiga e me interessa: a de conhecer mais a fundo qual a importância e a função que desempenha a escola aqui do Pouso, dentro da comunidade e do modo de vida dos seus moradores, e acho que vocês podem contribuir para essa compreensão.

Isabela- Eu acho a escola fundamental, aqui e em qualquer comunidade. Essa escola pode ser diferenciada também. A escola muitas vezes tem que trazer as referências, não só os conteúdos, mas as referências que nem a família e nem a comunidade dão às suas crianças e jovens.

⁵⁶ Os convidados que compõem esta narrativa são: João e Estela- líderes da comunidade; Vivian, Isabela, Bruna, Helena, Eduarda e Adriana- professoras e ex-professoras da escola; Roberto- pai de aluno; Antônia e Tomaz- ex-alunos. Além destes, outros personagens que serão nomeados apenas por suas características mais importantes, tais como: Biólogo; Turista/ Veranista; Pé de Tamarindo.

Vivian- Eu acho que a importância da escola não é só pra comunidade do Pouso. É pra qualquer comunidade. Eu acho que a educação abre os caminhos de tudo⁵⁷.

Ana Cecília - Isabela trouxe a ideia de que a escola traz referências educacionais externas à comunidade, e que essas referências são necessárias. Igualmente, Vivian relata que a escola abre caminhos, dando a entender que esses caminhos antes estavam encobertos ou eram desconhecidos. Eu gostaria de propor que buscássemos dois significados atribuídos à palavra educar e que podemos encontrar num dicionário⁵⁸:

"despertar as aptidões naturais do indivíduo e orientá-las segundo os padrões e ideais de determinada sociedade, aprimorando-lhe as faculdades intelectuais, físicas e morais.";

"Doutrinar, instruir".

Haja visto que tais significados de educação não são essenciais, universais, atemporais e, portanto, não podem assumir caráter de verdade absoluta. Entendendo-os através dos deslocamentos⁵⁹ que operam nas práticas de educar,

⁵⁷ Mario Sergio Cortella (2009), retrata algumas concepções da relação entre escola e sociedade. Uma delas é apelidada de otimismo ingênuo, e se refere a uma concepção salvacionista da escola, onde atribui a esta instituição o papel de ser a única e suficiente alavanca do desenvolvimento e do progresso do país, enfatizando que o educador desenvolve nesse ambiente ações marcadas pela neutralidade social, política, partidária etc. Essa visão parece muito comum, ainda hoje, à maior parte da sociedade, inclusive a diversos educadores que tenho encontrado durante meus trabalhos como docente, mostrando que apesar de haver diversas concepções que refutam a validade dessa afirmação, a sociedade, em sua maior parte, ainda acredita na educação como a única possibilidade de resolver os problemas sociais atuais.

⁵⁸ www.dicionarioinformal.com.br

⁵⁹ Segundo Continentino (2006): “O deslocamento traz a “emergência repentina” de um novo “conceito” que não guarda nenhum compromisso com o regime anterior, mas, pelo contrário, que se desvia deste, ou seja, da oposição conceitual que o abrigava, encetando

gostaria de alguns comentários de vocês a respeito dessas definições que acabamos de encontrar.

Adriana- Bom, nós podemos nos perguntar em relação a quais padrões e ideais de sociedade estariam sendo “doutrinaados” os alunos na nossa escola, certo? Porque “doutrinar” me lembra muito aquilo que o padre faz na igreja com seu fiéis. Ele doutrina seus fiéis sob uma orientação, sob um objetivo. Se soubermos mais a respeito desse objetivo, podemos determinar, então, a importância dessa escola para a comunidade. E eu fiquei curiosa em relação à fala da Isabela, quando ela disse que a escola traz referências para o aluno que a família não traz. Trazer essas referências seriam, afinal, os objetivos da escola?

Isabela- Bom, quando eu falei das referências, eu quis dizer que a escola traz bons exemplos para os alunos. Exemplos de como se comportar, como ser um cidadão, como respeitar o próximo. Exemplos morais podem ser um dos objetivos da escola sim, porque não?

Ana Cecília- Eu entendo que todos esses exemplos que você traz, Isabela, façam parte dos fundamentos que sustentam a escola republicana, que é a escola que temos ainda hoje. A escola republicana propõe um projeto de escola para educar um cidadão⁶⁰ para ser esclarecido, autônomo, crítico e capaz de ser o autor de

outra ordem de questões. Esse “conceito” deslocado, que não pertence e não é apropriado por outra oposição, testemunha um desenraizamento.”

⁶⁰ No período republicano o indivíduo tornava-se cidadão quando finalizava sua instrução escolar, pois o conceito de cidadania impunha a existência da escola como uma necessidade absoluta. Para a escola republicana, a República tornaria-se efetiva e de fato apenas quando a instrução escolar atingisse a todos os indivíduos. Era reconhecido que o dever do Estado era o de proporcionar a transmissão dos saberes considerados indispensáveis e igualitários, mas, por outro lado, as capacidades individuais eram

seu próprio destino. Parte do pressuposto que educar um cidadão dessa forma só seria possível por meio de uma instrução escolar, em que os indivíduos exercitem suas capacidades intelectuais e os valores morais indispensáveis ao processo de humanização. Você mesma, Isabela, trouxe alguns exemplos desses valores morais.

Segundo a escola republicana, um cidadão assim instruído apresentaria condições de ser intérprete das leis e um eleitor consciente⁶¹. Vocês concordam que poderíamos dizer que estes são os objetivos da escola que conhecemos hoje?

Tomaz- Eu concordo. Tudo isso que você falou está totalmente de acordo com o que a escola traz como seus objetivos para a educação dos alunos. A escola tem o objetivo, pelo menos no papel, de tornar o indivíduo um cidadão⁶². Mas nós percebemos que esse sistema escolar também exclui. Tem alunos que tem muito sucesso na escola, ficam com boa autoestima, mas também temos muitos casos de alunos que abandonam a escola por causa dos seus insucessos. Existem alguns casos de abandono aqui no Pouso, mas não são muitos, não. Em relação aos que eu vi, os alunos acabam indo ajudar o pai na pesca, porque é o que dá

ressaltadas como necessárias ao progresso das ciências e da própria República. (Maamari, 2009). O conceito constitucional de cidadania que temos hoje é abordado de diferentes formas, por vários autores, pois ele não está claramente expresso na Constituição Federal de 1988. Porém, quando nos debruçamos sob os diversos enfoques dados por cada autor, percebemos que todos concordam que o exercício da cidadania compreende uma variedade de direitos civis, sob a forma de direitos de liberdade (liberdade de ir e vir, de pensamento, de religião, de reunião, pessoal e econômica), que se opõem à ação dos poderes públicos que tragam prejuízo para a sociedade, tendo esse conceito de cidadania se originado na República Antiga. (Brandão, 2010)

⁶¹Maamari, 2009

⁶² “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideias de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.394/96)

pra fazer sem a instrução da escola. Aí eu me pergunto: a escola não deveria dar acesso e oportunidades iguais a todos, já que está em seus pressupostos clássicos?

Estela- Pois é, Tomaz, mas acredito que “dar oportunidades iguais a todos” não esteja nos pressupostos básicos da escola, como você citou. Li uma vez que a escola parece “justa” mas que não é de fato, pois ela permite que as desigualdades sociais perpassem os muros da escola e atinjam os alunos, determinando, quase sempre, seus sucessos ou insucessos.⁶³ Ou seja, a escola privilegia uma linguagem própria que é dela, uma forma de entender o mundo que é dela. E essa linguagem, se não for apropriada pelo aluno, certamente determinará o fracasso dele na instituição escolar.⁶⁴ É como se a escola moldasse, instrísse os alunos, segundo um molde mesmo, pra que todos saiam mais ou menos iguais no final do processo, entendendo tudo de modo o mais parecido possível.

⁶³ “Uma das consequências desse sistema é que a escola aparece justa e “neutra” no seu funcionamento, enquanto as injustiças e as desigualdades sociais é que são diretamente a causa das desigualdades escolares. Num tal sistema, a escola intervém relativamente pouco sobre o destino dos indivíduos, que é, antes de mais nada, um destino social, e, quando intervém, ela o faz sobretudo de maneira “positiva”, segundo o modelo da promoção dos melhores alunos egressos do povo: é o modelo do “elitismo republicano”. Ou seja, já que é baseada num princípio de reprodução estrutural das desigualdades sociais, essa escola não aparece como um agente ativo da exclusão social.” (DUBET, 2003, pág 32)

⁶⁴ “... cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural, e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.” (BOURDIEU, 1998, pág 42)

Ana Cecília- Acho que as reflexões que vocês trouxeram neste momento são válidas e nos levam a novas reflexões. Através desses pontos levantados por vocês, vamos tentar pensar então, não em apenas um significado para a escola aqui do Pouso, mas nos múltiplos significados. Pois esses significados são resignificados através das experiências e vivências de cada um, e essas descobertas que hoje faremos, nesta roda de conversa, não deixarão de ser mais uma vivência que vocês poderão adicionar às lembranças e reflexões pessoais. Retomando então os princípios da escola republicana, quando ela fala em formar um cidadão através da instrução escolar, sendo esta o único meio possível capaz de ao mesmo tempo transferir valores morais e permitir que os indivíduos exercitem suas capacidades intelectuais. Conotando esses saberes à responsabilidade sobre o processo de humanização do indivíduo, é de se perguntar se de fato a escola que temos, assim se assemelha.

Adriana- Além de refletirmos se a escola se assemelha a essa sua descrição, será ainda ela, a única instituição capaz de permitir ao indivíduo praticar suas capacidades intelectuais? E em relação a esses valores morais que são transmitidos pela escola? Eles seriam transmitidos do ponto de vista de quem, ou melhor, de que sistema organizacional? E ainda vale questionar se todos os atendidos por essa instituição estariam de acordo em serem instruídos em relação a tais valores morais advindos desse sistema organizacional.

Vivian- Também concordo que esses questionamentos são válidos. Eu acho que existem outras instituições que também podem educar. Realmente, se formos pensar nessa exclusividade que damos à escola, seria injusto não considerar que outros centros comunitários não eduquem também suas crianças e jovens. Aqui no Pouso não temos outras referências de centros educacionais, como sabemos que existem nas cidades. Aqui, de fato, a escola é nossa maior referência de uma instituição organizada com fins educacionais. E, devido a isso, é muito comum colocarmos sobre os ombros da escola o dever de garantir o futuro aos jovens aqui da comunidade do Pouso.

Tomaz- E pensando na nossa escola aqui do Pouso, quando imputamos nela esse dever de garantir um futuro para as crianças que a frequentam, pressupomos que seja um futuro melhor do que o vigente. A que tipo de "futuro" melhor estaríamos nos referindo⁶⁵? Um futuro financeiramente melhor? Um futuro cuja qualidade de vida seja melhor? Um futuro num lugar melhor?

Vivian- Lugar melhor? Olha, eu acho que lugar melhor do que a nossa comunidade não existe não. É triste que o INEA⁶⁶ esteja acabando com a nossa freguesia⁶⁷ de morar aqui no Pouso. Depois que eles entraram com um monte de

⁶⁵ Segundo Barros (2010), o historiador alemão Reinhart Koselleck desenvolveu a ideia de que aquilo que entende-se por passado depende da reconstrução deste com base nas problematizações geradas no presente e que o presente ressignifica tanto passado, quanto o futuro, que é referido pelo autor como "horizonte de expectativas". "Já as *expectativas* – que visam ao futuro – correspondem a todo um universo de sensações e antecipações que se referem ao que ainda virá. Nossos medos e esperanças, nossas ansiedades e desejos, nossas apatias e certezas, nossas inquietudes e confianças – tudo o que aponta para o futuro, todas as nossas expectativas, fazem parte deste "horizonte de expectativas". As expectativas, além disto, não apenas são constituídas pelas formas de sensibilidade com relação ao futuro que se aproxima, mas também pela curiosidade a seu respeito e pela análise racional que o visa. A expectativa, enfim, é tudo aquilo que hoje (ou em determinado presente) visa ao futuro, crivando-o das sensações mais diversas. É por isto que Koselleck lembra que, tal como a *experiência* (esta herança do passado) se realiza no presente, "também a *expectativa* se realiza no hoje", constituindo-se, portanto, em um *futuro presente*." (BARROS, 2010, pág 68)

⁶⁶ Instituto Estadual do Ambiente, presente no Estado do Rio de Janeiro.

⁶⁷ Os moradores queixam-se das regulamentações impostas pelo INEA nas áreas de proteção ambiental que estão sob sua supervisão. Uma das regulamentações se refere a restrições impostas aos moradores da comunidade em relação à reforma e construção de casas. Os moradores relatam que atualmente, para ampliar suas residências ou construir novas residências, eles precisam pedir autorização ao INEA, assim como também não

normativas, por aqui estar localizado na REJ⁶⁸ ficou difícil construir e aumentar nossas casas.

Roberto- É verdade, hoje a gente não pode mais fazer uma roça porque é proibido. Não pode mais tirar um tronco pra fazer uma canoa. Fica cada vez mais difícil. Parece que nós somos criminosos⁶⁹. Tudo o que a gente fazia antes, hoje não podemos mais fazer porque aqui é REJ. Fica difícil viver aqui e manter as nossas tradições, manter os nossos costumes. Ao mesmo tempo, eles querem nos envolver, na medida do possível, nas discussões da recategorização, pra saberem a nossa opinião a esse respeito. Com tantas restrições impostas a nós, eu sinto que esse lugar já não é o mesmo de quando eu era jovem⁷⁰, mas eu ainda pertenço a ele, quero lutar por esse lugar. Aqui ainda é a minha casa.

João - E olha que a canoa aqui do Pouso, essa que nos impuseram restrições pra fabricar, está numa campanha para ser registrada como patrimônio cultural do

podem construir em determinados locais no morro. Mais informações constam no Anexo 1 deste trabalho.

⁶⁸ Reserva Ecológica da Juatinga.

⁶⁹ “Quando as populações resistem e permanecem, suas necessidades de exploração dos recursos naturais inerentes a seu modo de vida e sobrevivência raramente são reconhecidas. Ao invés disso, passa a ocorrer uma "criminalização" dos atos mais corriqueiros e fundamentais para a reprodução sócio-cultural dessas comunidades. A caça, a pesca, a utilização de recursos da floresta para a manufatura de utensílios e equipamentos diversos, a feitura das roças, a criação de galinhas ou porcos, o papagaio na varanda, a lenha para cozinhar e aquecer, a construção de uma nova casa para o filho que se casou etc., tudo isso é, de uma penada jurídica, transformado em crime e seus praticantes perseguidos e penalizados. Ao mesmo tempo, são instados a proteger e respeitar o meio ambiente, sendo encarados como os principais responsáveis (e não o modelo urbano-industrial em expansão) pelo futuro da humanidade, coorporificado na preservação da área em questão.” (ARRUDA, 1997, pág 7)

⁷⁰ Roberto possui mais de 70 anos de idade.

país. Vocês viram a reportagem sobre isso?⁷¹ Conseguimos que isso, da nossa cultura caiçara, fosse reconhecido. Isso é um grande ganho pra nós.

Roberto- Ah, sim, foi um grande ganho. Mas eu me pergunto: de que adianta? Hoje, o caiçara não pode fazer mais nada. Não pode viver como vivia antes. Nós sabemos que a conservação é importante, mas não somos nós que destruímos. Meus antepassados viveram aqui, eu vivo aqui, meus filhos vivem aqui, e ninguém destruiu o lugar. Está certo que tem que preservar, nós também queremos preservar, mas nós estamos perdendo a nossa identidade quando perdemos nossos direitos sobre a terra.

João – Mas o caiçara tem que entender que ele precisa lutar pra preservar essa identidade, essa cultura. Eu acho que a cultura caiçara, tem sim muita influência da cidade, porque a gente é uma comunidade dinâmica. Não é porque a gente é caiçara que a gente não pode ter energia elétrica, um televisor, ou uma máquina de lavar roupa. Não é porque é caiçara que tem que pescar com equipamento rudimentar. A cultura caiçara é dinâmica, não é estática⁷². A nossa cultura, trazido pelos antepassados, e a nossa identidade⁷³, não se desfazem diante das modernidades que lhes são acrescentadas nos dias atuais.⁷⁴

⁷¹ Fonte: <http://www.paraty.com.br/noticiasparaty.asp?id=3880>

⁷² “Outro aspecto muito importante a ser abordado diz respeito à “crença das culturas imutáveis”, presente no imaginário das pessoas em geral, que acham que pelo fato de existirem comunidades tradicionais, estas devem parar no tempo e no espaço, se é que lhes é dado algum espaço! Todo SER HUMANO tem direito a querer melhores condições de sobrevivência, facilidades proporcionadas pela sociedade urbana, sem que isso destrua seu modo de vida tradicional que é continuamente realimentado, há várias gerações, pela transmissão oral e pela vivência prática.” (NUNES, 2003, pág 40)

⁷³ A identidade caiçara, aqui trazida na fala de João e de outros participantes dessa narrativa, pode ser entendida como “de um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados que orientam os indivíduos em suas relações

Pé de Tamarindo- Com licença, desculpe incomodar vocês nesse bate-papo, mas é que eu também queria me pronunciar.

Ana Cecília- Desculpe, mas não lhe conheço. Quem é você?

João- Deixe que eu o apresente. Esse é o Tamarindo aqui do Pouso. Acreditamos que ele tenha mais de 200 anos e que foi plantado aqui pelo Padre Anchieta quando ele parou aqui na praia para descansar de uma de suas viagens.⁷⁵ Ele está sempre nas nossas reuniões dando seus palpites. Gostamos de fazer nossos encontros aqui no pé dele pois é um dos únicos Tamarindos aqui do Pouso. Certamente ele já viveu mais do que todos nós, e vai viver ainda mais. Já viu muitas mudanças aqui nesta comunidade.

Tamarindo- Pois é, minha cara Ana, sou originário da África⁷⁶. Por ser exótico aqui nesta Mata Atlântica, Mata esta que me recepcionou tão bem que aqui fiquei, me sinto um pouco compelido a contribuir com as discussões quando falamos sobre “lar do caiçara”. Olha, aqui na REJ eu sou muito feliz, mas se esse lugar

entre si e com a natureza e que se expressam em produtos materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumento de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança, rituais, mitos)” (Igara Consultoria em aquicultura e gestão ambiental, 2011, pág 7)

⁷⁴ Os espectros dos antepassados caiçaras movem-se continuamente sob as falas de cada entrevistado e mostram-se presentes nas narrativas aqui construídas. “Disse em tempos, talvez acertadamente: a cultura antiga fragmentar-se-á e tornar-se-á finalmente um monte de cinzas, mas sobre as cinzas pairarão espíritos”. (Wittgenstein, 1980, pág 16)

⁷⁵ O Padre Anchieta foi um padre jesuíta espanhol que viveu entre os anos de 1534 e 1597. Desse modo, se ele de fato tivesse plantado o pé de Tamarindo No local onde futuramente se instalaria a comunidade do Pouso, a arvore teria mais de 400 anos. Fonte: Wikipédia.

⁷⁶ Fonte: <http://formasaudavel.com.br/tamarindo/>

aqui se colocasse dentro de uma dessas categorias mais restritivas do SNUC⁷⁷ também teria que me mudar, ou talvez, me arrancassem daqui, pois ninguém iria querer transplantar um senhor da minha idade. Eu sei que posso ser uma ameaça⁷⁸ a esse ecossistema, assim como dizem que meus amigos caiçaras, que tanto me respeitam, também oferecem. O que afinal eles querem conservar? A mim é que não é. A meus amigos caiçaras, também não.

Ana Cecília- Pois é, senhor Tamarindo, mas vamos buscar um pouquinho então a gênese dessa tal conservação que estão tentando aplicar aqui, certo? Dessa forma, vamos abrir um pouco a nossa compreensão sobre a conservação que aqui é aplicada e alguns dos seus desdobramentos na comunidade.

Estela- Hiiii, daí complicou. Porque até onde eu sei, existem muitas definições⁷⁹ para o termo conservação. Se você quiser uma definição técnica e bastante clássica é só procurar a da WWF/IUCN⁸⁰ de 1980. Lá⁸¹ eles falam sobre a

⁷⁷ Sistema Nacional de Unidades de Conservação, lei número 9.985 de 18 de julho de 2000.

⁷⁸ Por ser uma espécie exótica, o pé de Tamarindo pode acabar estabelecendo competições interespecíficas com outras espécies nativas que geralmente acabam perdendo na competição. Possivelmente numa reserva mais restritiva, através de um plano de manejo, ele precisasse ser retirado do local para não ameaçar a colonização do espaço por espécies nativas.

⁷⁹“A conservação, termo relativamente recente, é frequentemente definida somente em seus aspectos técnicos e científicos, sem inseri-las nas teorias mais amplas relativas aos estudos das relações entre os humanos e a natureza. É por aí que começam os problemas, pois haverá tantas definições quantos forem os pressupostos teóricos e as correntes de pensamento e ação que constroem a chamada conservação.” (DIEGUES, 2000, pág 1)

⁸⁰ WWF- World Wide Fund for Nature, é uma organização não governamental internacional que atua nas áreas de conservação da natureza, fundada na Suíça com sede em diversos países. IUCN- International Union for Conservation of Nature (União

sustentabilidade que tem que ser promovida pela conservação, e que ela prevê a proteção de ecossistemas e populações naturais.⁸² Mas na prática mesmo, a conservação prevê a criação de áreas protegidas, e essas áreas protegidas não necessariamente contam com a participação das populações locais para a sua criação. Aliás, geralmente não contam.⁸³ E é isso o que eles querem, colocar a natureza que lhes interessa numa vitrine para ser contemplada pelo turista.

Ana Cecília- Instituições como a WWF, de onde a Estela nos trouxe uma definição sobre conservação, ou outras como Banco Mundial⁸⁴ e a IUCN, geralmente influenciam as políticas, os governos e as ONG's⁸⁵ locais levando alguns cientistas a denominar como “neocolonialistas” essas conceituações de conservação impostas aos países de Terceiro Mundo.⁸⁶ É como se as definições conservacionistas estivessem a serviço de algumas classes sociais específicas, tais como grupos turísticos, elites governamentais, cientistas e ONG's

Internacional para Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais), é uma organização internacional, com sede na Suíça, que visa a proteção dos recursos naturais.

⁸¹ IUCN, 1998

⁸² “Conservação é o manejo do uso humano de organismos e ecossistemas com o fim de garantir a sustentabilidade desse uso. Além do uso sustentável, a conservação inclui proteção, manutenção, reabilitação, restauração e melhoramento de populações (naturais) e ecossistemas”.(IUCN/WWF)

⁸³ “Para Sunkel, o conservacionismo, aplicado geralmente ao meio ambiente e particularmente à proteção dos recursos ambientais e naturais, sem uma explanação elaborada, é tido, na América Latina, como uma teoria cujo objetivo é tornar o meio ambiente o menos tocado possível. Infelizmente, a maioria dos movimentos de conservação na região tendem a confirmar essa imagem, contribuindo para a desconfiança sobre a própria conservação” (SUNKEL, 1986)

⁸⁴ O Banco Mundial é uma instituição financeira internacional que fornece empréstimos para países em desenvolvimento em programas de capital. (Fonte: Wikipédia)

⁸⁵ Organizações Não-Governamentais

⁸⁶ DIEGUES, 2000.

conservacionistas. Esse conservacionismo, em voga nos países de terceiro mundo, é, em geral, importado dos países do Norte⁸⁷, e tem como um de seus focos excluir as populações tradicionais de seus territórios em prol da conservação das áreas.⁸⁸

Biólogo - Mas será que a população mundial não entraria como mais um grupo a se interessar por essas áreas prioritárias para a conservação⁸⁹ caso tivessem conhecimento científico suficiente para entender a importância de se manter esse “banco genético” presente nessas espécies que se, não tiverem seus habitats conservados, poderão extinguir-se para sempre? Não seria muita pretensão da espécie humana pensar que somos a espécie mais importante a ser preservada nesse planeta? E olha que neste momento nem estamos nos referindo a privilegiar a sobrevivência da espécie humana em detrimento da sobrevivência de outras espécies, e sim, da sobrevivência de formas de cultura da espécie humana em detrimento da sobrevivência factível de outras espécies. Até onde nos seria permitido ir para preservar culturas humanas? Como eu posso quantificar o grau de importância da espécie humana em relação as outras espécies de animais existentes? Sabemos que existe uma relação ecossistêmica rica e duradoura, há milhares de anos, entre todas as espécies viventes. Segundo a teoria evolutiva, todas as espécies co-evoluíram mutuamente e uma influenciou na evolução da outra.

⁸⁷ Guha, 2000.

⁸⁸ “Esses 5 grupos unem-se pela hostilidade contra as populações tradicionais que habitavam o território do parque antes de sua criação. Eles percebem essas comunidades humanas como tendo um efeito destrutivo sobre o meio ambiente, e suas formas de vida são responsabilizadas pelo desaparecimento de espécies, pela contribuição à erosão do solo.... Esse preconceito alimentou vários projetos de conservação no Terceiro Mundo” (DIEGUES, 2000, pág 5)

⁸⁹ Essas áreas prioritárias para a conservação são denominadas hotspots . Hotspots são regiões biogeográficas detentoras de considerável biodiversidade e que pode estar ameaçada de destruição.

Estela- Mas seria impossível pensar também que o homem não iria causar nenhum prejuízo à biodiversidade. Só pelo fato de uma espécie existir, por si só, ela já modifica todo ambiente ao seu redor porque ela precisa satisfazer, utilizando-se do meio disponível, todas as suas necessidades básicas, como por exemplo, alimentação e moradia. É claro que o homem influenciou a biodiversidade, um pouco mais do que outras espécies influenciaram, provavelmente por seu alcance territorial ou pelo tamanho de sua população, mas outras espécies também influenciam seu ambiente, também extinguem outras espécies, como nós. Mas como eu já disse, provavelmente não na mesma dimensão que nós. Para preservar outras espécies que até que limite de prejuízos (como por exemplo, saída do local original, perda de identidade da comunidade e mudança do estilo de vida), à espécie humana eu posso causar?

Ana Cecília- Pensando um pouco naquela fala que trata do novo colonialismo trazido pelos conservacionistas, o que o velho colonialismo do século XIX nos trouxe⁹⁰? Um deles foi o Cristianismo, que podemos enxergar claramente aqui no Pouso da Cajaíba. Começou com uma igreja católica, localizada ao centro da comunidade, ainda no início do povoamento aqui do Pouso, e hoje já sabemos que a grande maioria dos moradores frequenta as igrejas evangélicas que vieram se instalar recentemente. Portanto, podemos concluir que o Cristianismo foi um dos pilares colonizadores que teve sucesso e tem até hoje. O comércio, outro fator promovido pelos colonialistas do passado, faz-se através da relação constante entre os moradores e a cidade, sendo uma das grandes formas de subsistência aqui da comunidade. Portanto, o comércio é fator claro aqui na comunidade. E, por último, um dos principais pilares dos colonizadores, se não o principal, foi o processo civilizatório. A civilização vem através daquilo que é trazido pelos “de fora”⁹¹ e que nos foi muito bem lembrada quando João justificou

⁹⁰ Guha, apud Diegues, 2000.

⁹¹ Expressão geralmente usada para determinar os moradores de outras localidades não caiçaras.

o desejo do caiçara pelas tecnologias da cidade, ressaltando que a comunidade caiçara é dinâmica.

Vemos todos esses processos colonizadores bastante ressaltados aqui no Pouso, e todos eles foram lembrados como invasivos à cultura caiçara durante nossas conversas individuais. Lembro-me da preocupação de Dona Teresa quando ela relatou que a igreja evangélica não permitia mais um tipo de manifestação cultural comum aqui no Pouso, mas que não era aceita pela igreja católica. Uma outra vez, estive conversando com Dona Toninha que me contou que hoje, devido a essa dependência da cidade, o caiçara quase não faz mais roça, ou seja, depende quase que exclusivamente das relações comerciais com a cidade para sua subsistência, perdendo assim sua autonomia. Por último, Vivian ressaltou várias vezes a sua preocupação em permitir que os filhos venham pra cidade pois poderiam “se perder”, e me contou que os turistas vindos da cidade foram os responsáveis por alguns costumes ruins presentes hoje no Pouso, tais como uso de drogas e abuso de bebidas alcoólicas. Será a conservação, então, nesses moldes trazidos para a criação das Unidades de Conservação, outro fator colonizador que afastará o caiçara de suas origens? Pois a criação de tais áreas de proteção ambiental não inclui o caiçara como um de seus idealizadores. Então, faz sentido que a criação delas não seja para proteger o caiçara, mas talvez proteger a área do caiçara.⁹²

Tomaz- Ah, mas essa história de não contar com a população para a criação das áreas não é de hoje, não. O fato dessas áreas terem sido criadas de forma autoritária é um dos grandes resquícios da nossa ditadura militar.⁹³ Vocês podem

⁹² “A ideia de uma wilderness (região despovoada) onde o homem é somente visitante, é uma representação urbana de uma natureza longínqua.... conjugando etnocentrismo e imperialismo, a política de preservação da wilderness é um luxo dos países ricos e desenvolvidos que não é acessível aos países pobres, e lhes é prejudicial quando aplicada” (Larrere, apud Diegues, 2000)

⁹³ “Em certos países como o Brasil, essas práticas autoritárias se fortaleceram durante o longo período de ditadura militar, no qual as normas democráticas tinham sido abolidas à

reparar a data de criação da nossa APA Cairuçu⁹⁴. Ela foi criada por um Decreto Federal em 1983, ou seja, foi idealizada e instaurada dentro do período do regime militar.

Turista/ Veranista- Olha, desculpe discordar de todos vocês, mas como tenho minha parcela de participação aqui no Pouso, através do aluguel do barco para chegar até aqui ou alugando a casa de um caiçara pra passar o feriado, eu colaboro para a economia local e portanto tenho direito a uma opinião. Conservação, na minha opinião, tem que ser feita pra gente poder chegar num lugar como esse e contemplar essa linda natureza, toda protegida, sem ser mexida, sem ter esse monte de área desmatada. Afinal, vocês sabiam que o homem é um dos grandes responsáveis pelas extinções em massa? Desde o início dos tempos, por onde o homem passou, sempre causou extinções em massa. Podem conferir nos livros de história.⁹⁵ Eu acho que pra ficar uma coisa ainda mais bonita aqui, não tinha que ter gente morando, não. Acho tão bonita essa paisagem bucólica, esse verde exuberante, sem nenhuma interferência

força. Durante esses vinte anos (1964-1984), as áreas protegidas e as políticas sobre o meio ambiente eram decididas e impostas sem consulta à população, como aliás era feito para as demais políticas públicas. Nesse regime autoritário era fácil desenhar no mapa, grandes unidades de conservação de uso restritivo, mesmo que dentro dessas áreas vivessem populações tradicionais.” (DIEGUES, 2000, pág 16)

⁹⁴REJ essa área ainda está localizada na Área de Proteção Ambiental– APA de Cairuçu, criada pelo Decreto Federal nº 89.242/83 e administrada pelo IBAMA-extraído de: <http://www.inea.proderj.rj.gov.br/pesquisa/publicacoes/REJ/docs/10C.pdf>

⁹⁵Fernandez (2011) comenta acerca da hipótese do homem primitivo ter sido o causador de diversas extinções em massa, não sendo, então, essa ação um privilégio apenas do homem moderno. Para o autor, os povos que hoje julgamos coexistir em harmonia com a natureza, coexistem apenas com as espécies que são difíceis de serem extintas, pois as demais já se extinguiram. A crise ecológica não seria, portanto, fruto de uma situação atual, provocada pela sociedade industrial, que poderá ser corrigida com alguns poucos ajustes, mas ela já existiria desde os primórdios da humanidade, consistindo na relação que o homem sempre estabeleceu com a natureza.

humana. Só a mata selvagem, imponente, se erguendo nesses morros. Quem dera o Pouso fosse só assim, e não esse monte de casas que hoje tem aqui.

Estela-Mas essa sua ideia de paisagem bucólica tem uma origem. E veio desses próprios colonizadores do século XIX que aqui já foram comentados. Quando houve uma deterioração na vida urbana, nos países do Norte, a vida calma no campo começou a ser valorizada pela aristocracia, que buscava fugir da poluição das cidades. Foi nesse momento que as paisagens naturais começaram a aparecer na literatura e nas pinturas⁹⁶ dessa época como locais propícios a um enlevo e renovação espiritual.⁹⁷ Foi a partir desse momento, que se levantaram as primeiras vozes em favor da conservação⁹⁸. Mas essa conservação já começou com noções de homem separado da natureza.

Ana Cecília- Relembrando um pouco o processo civilizador sofrido pelo indígena, no início da colonização, é dessa mesma época as pinturas que idealizam o índio selvagem e o índio civilizado. A europalização da representação do índio selvagem é quando observamos, nas pinturas desse período, um indivíduo nu, e que se integra à natureza como se fosse uma parte dela. Já o índio civilizado, ou seja, o índio “amigo” é sempre representado vestido, com instrumentos de corte

⁹⁶ “Apesar de o conceito de natureza selvagem ter sido, nas sociedades ocidentais, uma construção social, relativamente recente, dos poetas, pintores e filósofos influenciados pelo romantismo, os defensores dessa ideia apresentaram-na como universal. (DIEGUES, 2000, pág 8)

⁹⁷ DIEGUES, 2000.

⁹⁸ “Em fins do séc. XVIII, a natureza passou a ser vista como refúgio espiritual do homem. A natureza selvagem passa a ser, além de bela, moralmente benéfica. O cristianismo muda sua visão sobre a natureza. Não só cientistas, mas pessoas comuns se interessaram por estudar espécies animais e vegetais. Partiram dessas pessoas as primeiras campanhas, na Inglaterra, pela preservação da natureza” (Thomas, 1988, apud Nunes, 2003).

típicos dos brancos. Ou seja, é impensável um homem civilizado integrado à natureza. Mas ao mesmo tempo que essa cisão homem/ natureza ocorria, as pinturas dessa época associavam um certo charme à natureza intocada e incólume.⁹⁹

Estela- Certo, mas se a separação homem/ natureza é tão valorizada assim nesses moldes de conservação que regem a criação dessas Unidades de Conservação, como fica a gente que mora aqui? Vai pra onde? Aqui é nossa casa, nossa vida é aqui. Aqui moramos, aqui plantamos, daqui comemos.

Turista/ Veranista- Ah, mas vocês podiam ser indenizados e morar na cidade, sei lá. Arrumar um trabalho na cidade. Afinal, o pescador Toninho já falou que a pesca aqui está cada vez mais difícil e que muitos caiçaras tem vivido mais do turismo do que da pesca. Oras, por que não morar na cidade, então? Acho que essa seria a solução.

João- Mas nós temos os nossos direitos, nós somos uma população tradicional. Nós temos uma cultura a ser preservada, e aqui é o nosso lugar de direito, nossa terra. O nosso povo está desaparecendo, está cada vez mais perdendo a identidade.

Adriana- Mas será que o caiçara tem uma identidade que lhe é tão própria assim? Não sei, às vezes eu acho que o caiçara é tão misturado com o povo da cidade que ele não tem uma identidade só dele. Algo que o diferencie tanto que o identifique como tal. O caiçara não tem uma língua própria, não tem uma vestimenta própria e nem uma comida que lhe seja singular¹⁰⁰. A gente tem muita

⁹⁹ “A noção de mundo selvagem estabelece que a natureza selvagem somente pode ser protegida quando separada do convívio humano” (DIEGUES, 2000, pág 8)

¹⁰⁰ O autor Carlos Rodrigues Brandão trata de parcialidade cultural quando no seguinte enxerto: “Bem sabemos que mesmo possuindo modos gramaticais e acentos peculiares de fala e, no limite, um quase-dialeto; mesmo crendo coletivamente em sistemas

coisa da cidade, ao mesmo tempo em que temos as nossas coisas também. Acho que temos as nossas particularidades, mas também não somos tão diferentes assim de quem mora na cidade.

Vivian- Eu acho que temos, sim, muitas características de comunidades modernas. Eu vejo pessoas sendo muito individualistas aqui no Pouso. Coisa que eu não via antigamente. Os meninos não estão mais respeitando os pais, e ficam o dia inteiro nesses celulares. Os jovens também. Antes era todo mundo mais amigo, mais unido.

João- Pois eu não concordo com a ideia de que estamos destruindo esse lugar, de que estamos acabando com essa biodiversidade. Uma vez conversei com uma moça que veio fazer pesquisa aqui no Pouso, como você, Ana, e ela me contou sobre a ecologia social. A ecologia social afirma que comunidades tradicionais como a nossa precisam de alta diversidade de recursos naturais para se manter, e nós só conseguimos subsistir até hoje porque temos práticas sustentáveis para a utilização desses recursos. Ou seja, nos manter aqui, é um bom método para continuar conservando essa diversidade biológica.¹⁰¹

Ana Cecília- Eu vejo que temos opiniões diversas sobre a situação dos caiçaras aqui na REJ, assim como diferentes visões de natureza e conservação, o que é

peculiares de significação da vida e do mundo e vivenciando ritualmente uma religiosidade original em muitos aspectos, nada exclui a evidência de que ali se fala uma modalidade do Português; ali se pratica uma modalidade do cristianismo católico em interação provável com componentes de outras religiões; ali se come, sob receitas provavelmente apropriadas, o mesmo feijão-com-arroz e outros alimentos de uma culinária em parte cultivada e colhida "aqui mesmo", em parte trocada por produtos de outras comunidades semelhantes, em parte, ainda e cada vez mais frequente, comercializada no supermercado da cidade mais próxima." (BRANDÃO, C. R., pág 349-350)

¹⁰¹ Sarkar, 2000.

perfeitamente compreensível dado a heterogeneidade do público que aqui se apresentou para contribuir com este espaço de discussão.¹⁰² Eu agradeço muito as falas de cada um de vocês que nos permitiram percorrer por alguns significados que permeiam a vivência de cada um em relação à escola, permitindo que cada um aqui amplie a sua própria visão. Gostaria de retomar alguns desses pontos para embasar, em nossa próxima conversa coletiva, as opiniões de vocês a respeito do papel da escola em meio a todas essas manifestações sociais. A escola apareceu, timidamente, nessa nossa conversa inicial, mas gostaria que vocês se manifestassem mais proeminentemente a respeito dela no próximo encontro.

¹⁰² “A natureza torna-se compreensível somente pelo viés de suas representações culturais...a Interface entre práticas sociais humanas e suas condições materiais é perdida de vista... A posição do construcionismo social baseia-se no argumento de que todas as visões da natureza são construções simbólicas de uma ou outra cultura. Nessa tradição do pensamento sociológico a distinção de Howard Newby entre o meio ambiente como um conjunto de símbolos e seu aspecto material não é defensável: nós não podemos escapar da ordem simbólica para poder estudar a relação do homem com a natureza exterior considerada por ela mesma, independentemente das culturas humanas” (Benton, apud Diegues, 2000, pág 31)

Cena 2

O olhar do caiçara sobre a escola caiçara: abrindo novos caminhos

Ana Cecília- Ola, novamente, meus amigos. Eu pedi para que nos reuníssemos mais uma vez, para que continuássemos nossa conversa sobre a escola do Pouso e sua relação aqui com a comunidade. Eu sei que num primeiro momento, conversamos bastante sobre algumas situações que vem ocorrendo aqui na Cajaíba, como a recategorização da REJ, a situação de perda da identidade caiçara, o tipo de conservação ambiental evidenciado com a prática das Unidades de Conservação, entre outros assuntos. Estou certa que muitos deles podem voltar a emergir nesta nova conversa, assim como estamos propensos ao aparecimento de outros, que podem estar relacionados direta ou indiretamente com a escola. Na conversa passada, iniciamos o bate-papo com algumas opiniões a respeito da importância da escola aqui para a comunidade, e, a partir das opiniões que tivemos, pudemos traçar alguns caminhos que nos levaram a discutir vários outros assuntos. Vou pedir para que retomemos desse ponto inicial, sobre as impressões de vocês em relação a importância da escola do Pouso. Uma das perguntas que podemos nos fazer, por exemplo, é indagar com que aspectos de conservação ou de colonização esta escola estaria influenciando a comunidade do Pouso? Ou seja, de que outras formas poderíamos estar vendo esta escola?

Bruna – Pois eu gostaria de começar me pronunciando, reafirmando o que disse anteriormente: a escola é muito importante, porque a escola é o principal lugar de nossa formação para o futuro! A comunidade que não tem uma escola praticamente não tem um futuro. O futuro do pessoal da comunidade vem da escola. Eu acho que sem a escola eu diria que dificilmente alguém daqui tenha um futuro com emprego. Quem nunca foi à escola hoje em dia não consegue nada na vida. Hoje em dia até pra ser lixeiro você precisa ter um conhecimento. Pra pegar um ônibus. A pessoa sai, vai pegar um ônibus não sabe para onde o ônibus vai, vai pegar um ônibus trocado. Hoje a pessoa sem ler fica muito difícil. É importante,

porque o dia a dia da pessoa depende do estudo. Tudo depende de você saber ler e saber escrever. Se você vai vender alguma coisa, por exemplo.

Roberto- Bruna, eu até concordo com essas suas colocações, sobre a escola ser importante, porque eu também considero que ela tenha um papel na vida aqui da comunidade. Porém, você não pode se esquecer de que o seu marido, que sustentou a sua casa a vida inteira, é pescador, e nunca teve um dia de estudos sequer. Apesar disso, aprendeu a fazer algumas contas básicas, que o ajudavam a vender o peixe na cidade, e a ler aquilo que lhe era necessário. Apesar de ele não ter estudo, a sua família nunca passou necessidade. O seu salário de professora, provavelmente, não sustentaria toda a sua família na cidade. Lá vocês iam ter que comprar tudo. Aqui no Pouso, não! Aqui tinha a roça que mantinha a família e os peixes que o seu marido trazia pra casa. Eu falo por mim também. Eu nunca tive estudos, porque nunca tive essa oportunidade que os jovens têm hoje, mas nunca faltou nada para a minha família.

Ana Cecília – Eu, assim como Roberto, também gostaria de comentar a fala de Bruna. Bruna, você nos traz um exemplo prático de utilização dos conhecimentos escolares, mas que não é um exemplo que serve para nossas necessidades de deslocamento no Pouso, pois aqui não usamos ônibus. Esse exemplo pode ser encontrado em muitos livros didáticos que, fiéis aos princípios democráticos republicanos, apresentam métodos, exemplos e conteúdos universais para todos os estudantes, independentemente de suas culturas locais. Por outro lado, a Bruna também trouxe alguns exemplos de práticas que fazem parte da vida dos moradores do Pouso que é o contato com a cidade em transações de compra e venda, bem como, acrescento, no contato com o turista, oferecendo serviços de transporte na alta temporada. Certamente o analfabetismo poderia prejudicar essas relações, o que prejudicaria o morador da comunidade que necessitasse desses serviços para sustentar sua casa. Com esses argumentos estaríamos atribuindo uma finalidade para os conhecimentos escolares, como prover indiretamente, com os conhecimentos que ela ensina, o sustento da casa. Ou

seja, estaríamos concordando que esses conhecimentos nos seriam úteis na prestação de algum serviço ou na realização de algum tipo de trabalho, que implique necessariamente, em algum envolvimento com a cidade e não com o Pouso.

Estela- Ana, você está dando a entender, portanto, que esse "futuro" pensado por Bruna estaria intimamente ligado a um sucesso profissional, certo? E que esse sucesso profissional só se daria em consequência do envolvimento do caçara com a cidade? Ou seja, eu entendo que um "futuro de sucesso", na visão da Bruna, só seria viável caso o caçara saísse definitivamente do Pouso e fosse para a cidade. Estou entendendo errado?

Tomaz- Acho que não Estela, acho que você está entendendo corretamente. Parece existir, de fato, uma contradição na expectativa sobre o futuro que a escola possa dar à comunidade. Eu sei que essa visão não é apenas da Bruna, tenho muitos amigos aqui que pensam da mesma forma que ela. Na verdade, sabe-se que quem estuda na escola, vai continuar seus estudos fora do Pouso e acaba arranjando emprego na cidade, mesmo porque não o conseguiria por aqui. A escola, então, por ser um meio que possibilita a evasão dos jovens para a cidade, contribui para o encolhimento e estagnação da vida da comunidade do Pouso, apontando assim para uma talvez, provável extinção desta comunidade. Eu estaria sendo muito pessimista ao dizer isso?

Roberto- Eu acho que estaria sendo sim, Tomaz. Veja bem, em minha opinião, não acredito nessa provável extinção da comunidade que você, exageradamente, relatou. Frequentar a escola é preciso. É preciso incentivar que a criança estude, porque eu ainda acho que os estudos promovem um bom futuro. Pelo menos é isso que todos dizem. Já diziam meus pais, meus professores, as autoridades, e quase todo mundo que passou ou que até não tenha passado pela escola. Mas

refletindo melhor, eu, que não frequentei a escola, acho que tive um futuro sim.¹⁰³ Apesar de eu não ter estudado formalmente, como eu já disse, tenho uma casa, um barco, sou aposentado. A pesca é um bom futuro¹⁰⁴, melhor do que ficar na cidade. Mas nem todos no Pouso pensam assim.

João- E é por esse, e por outros motivos, que eu luto por esse projeto de escola diferenciada.¹⁰⁵ Acho que precisamos disso pra nossa comunidade. Eu luto por uma escola que possa atender as nossas necessidades, ao mesmo tempo que possa nos mostrar como é o mundo além da comunidade. Eu acho que a nossa escola aqui deveria valorizar mais o que temos de tradicional na cultura caiçara, pra que isso não morra nessa geração, e valorizar menos as coisas que vem de fora da comunidade. Eu também pesquei a vida inteira, e quando tive

¹⁰³ Neste momento, o entrevistado relata: “Aposentei-me pelo futuro do trabalho com a pesca.” Tal frase evidencia que o entrevistado acredita que o trabalho representa um bom futuro, e vai além, relata que o trabalho de pescador, na visão dele, representaria um bom futuro, contrastando com visões sobre a pesca vindas de outros entrevistados.

¹⁰⁴ Definição de Futuro segundo o dicionário online Michaelis: Destino, fado; Bem-estar; Probabilidade ou possibilidade de progredir.

¹⁰⁵ A Escola diferenciada a qual João se refere é uma escola que conta com algumas disciplinas extras à grade curricular convencional e que sanariam o distanciamento que a escola atual apresenta em relação à vida caiçara, relatado por muitos entrevistados. Algumas das disciplinas seriam: oficina de construção de barcos, práticas de agricultura, práticas na comunidade. Tal escola diferenciada já foi sonhada por um grupo de moradores da comunidade e o projeto foi relatado na dissertação de mestrado de Carvalho (2010)

oportunidade, fui terminar meus estudos no Projeto Azul Marinho¹⁰⁶. Mas não foi o fato de os estudos não terem sido muito relevantes na minha vida profissional, de pescador, que eu desprezei a oportunidade de ir a escola quando pude. Eu acho que ela pode acrescentar muito à vida do cidadão. Mas a escola pode ser diferenciada e auxiliar o caçara, atendendo mais as necessidades aqui da comunidade. Nós fizemos um projeto de escola diferenciada e submetemos ele à secretaria de educação do município de Paraty, mas sabemos que uma modificação tal como propomos é bastante difícil pois as escolas municipais são regidas por um currículo que lhes é comum, e esse currículo é todo normatizado pelo MEC. Então seria difícil realizar mudanças tão radicais como as que propusemos.

João – Veja bem Roberto, eu entendo perfeitamente quando você fala que tem tudo o que precisa hoje, e não teve necessidade de estudar pra isso. Da mesma forma que uma pessoa pode optar pelos estudos e ter tanto sucesso financeiro quanto você teve. A Bruna mesmo, apesar de ser uma mulher muito estudada e ter sido uma das professoras daqui do Pouso, a situação financeira dela não é muito diferente da nossa, não. Por isso que eu acho que temos que pensar de outra forma, porque o modo como defendemos ou atacamos a escola é sempre pensando no indivíduo, ou seja, nos seus sucessos ou insucessos pessoais. Aquele que faz a escola do Pouso pode conseguir um emprego. Isso até pode ser verdade, pois a escola que ensina, mesmo que precariamente a ler, escrever e fazer contas, abre minimamente caminho para a pessoa trabalhar num balcão de comércio. Apesar de ser uma via através da qual uma pessoa possa se sustentar, não constitui um conhecimento no qual possamos trabalhar coletivamente o desenvolvimento do Pouso. Por isso, acho a fala do João, em relação a

¹⁰⁶ O Projeto Azul Marinho foi um projeto idealizado pela Fundação Roberto Marinho que financiou cursos de EJA (Educação de Jovens e Adultos) em muitas localidades da costeira de Paraty, onde o Ensino Fundamental II não existia. Os adultos que não tiveram a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental II puderam se matricular no projeto para concluir o ciclo.

constituição de uma escola diferenciada aqui pra comunidade, muito coerente. Acho que precisamos de uma instituição escolar que nos ajude a pensar a comunidade e não apenas o indivíduo.

Adriana- Mas se a escola não serve, necessariamente para dar um futuro à comunidade, qual seria, afinal, sua finalidade?

Ana Cecília- Isso que você falou me lembrou o filósofo francês Bernard Charlot¹⁰⁷ que nos guia a compreender que a educação, por ser um fenômeno social, deve ter finalidades sociais. Quando nos colocamos na pretensão de definir as finalidades da educação, ou seja, definir o propósito da existência de uma educação formalizada dentro de uma instituição escolar, nos colocamos a definir, ao mesmo tempo, a sociedade, a cultura e o homem que queremos promover.

Estela- E eu imagino que haja um grande impasse nisso, certo? Porque eu me pergunto como determinar tais finalidades educativas¹⁰⁸ de forma com que todo mundo esteja de acordo. E como nós podemos fixar finalidades educativas em um tempo onde estão sendo colocados em xeque o papel da escola perante as imensas inovações tecnológicas que trazem a informação ao usuário onde e quando quiser? Como determinar finalidades educativas sem prejudicar um grupo social e privilegiar outro? Nós já discutimos, na nossa conversa anterior, que a escola formal privilegia grupos, que ela inclui alguns ao mesmo tempo que exclui outros.

Tomaz- Pra mim, parece que a grande finalidade da educação é fazer com que continuemos a buscar por mais educação. Porque estudar torna-se um ciclo sem fim. Você faz o ensino fundamental, daí o ensino médio, para, em seguida, entrar num curso superior, e é um processo ininterrupto. As buscas nunca terminam.

¹⁰⁷ Bernard Charlot, 1979

¹⁰⁸ “Fixar fins para a educação é escolher um tipo de homem, portanto, de homem social, portanto, de sociedade.” (CHARLOT 1979, pág 230)

Busca-se sempre mais e mais educação pois a demanda aumenta continuamente à medida que as informações aumentam exponencialmente a cada dia.

Ana Cecília- Pois é Tomaz e Estela, o impasse em se decidir quais são as finalidades da educação nos leva à tantas ambiguidades e generalizações que não chega-se a lugar nenhum.¹⁰⁹ Mas as crianças continuam a ser educadas na escola que, apesar de não ter fins educativos bem definidos, transmite aos educandos valores e conceitos que tampouco são neutros e puros. E como não há uma reflexão mais aprofundada a respeito dessas finalidades educativas, que ficam sendo esses discursos recheados de palavras vazias em significados práticos, a educação acaba atuando como reprodutora do sistema social vigente e servindo aos interesses da elite¹¹⁰. Isso só ocorre porque quando se pensa em

¹⁰⁹ “Fala-se de desabrochamento da criança como se sua felicidade não dependesse de suas condições sociais reais de existência. Quer-se socializá-la, mas não se precisa em que tipo de sociedade se quer integrá-la. Pretende-se formar seu espírito crítico, mas sem indicar em que domínios se deve exercer essa crítica. Afirma-se que ela deve desenvolver todas as suas faculdades, mas não se diz para fazer o quê.” (Charlot 1979, pág 223)

¹¹⁰ Costa (2009) nos traz que o currículo ocupa um lugar de destaque e de constante preocupação dentro do ambiente escolar, abrigando, assim, os valores e conhecimentos tidos como desejáveis ao ensino dos indivíduos a ele submetidos. Nos últimos 40 anos, alguns pesquisadores tem se preocupado em demonstrar como alguns conteúdos presentes no currículo tem sido selecionados, organizados e distribuídos de forma que favoreçam a opressão de determinadas classes a grupos elitizados.

Cortella (2009) relata que a partir de meados dos anos 1970, entra em cena a concepção de que a educação, tinha sim um papel político e servia aos interesses do poder, estando mais para instrumento de dominação dos poderosos e atuando como reprodutora da desigualdade social, do que para servir aos interesses da sociedade. Tal concepção seria a chamada pelo autor de pessimismo ingênuo. Nesse ponto de vista, a escola atuaria unicamente para “fazer a cabeça” daqueles que a frequentam, para servir os interesses da elite econômica e para manter o status quo.

Apenas a partir de 1980 é que foi gestada uma outra concepção, denominada de otimismo crítico, tendo como pretensão superar a fragilidade do otimismo de uma escola totalmente romantizada e transpor o imobilismo fatal do pessimismo de uma escola

definir finalidades para a educação, abstrai-se a luta de classes e, por isso, reforça-se o pensamento já vigente, sem que haja um posicionamento crítico a respeito do papel social da escola.

João- E eu acredito muito nesse poder de transformação social que pode vir com a escola. Eu acho que o espaço que a escola ocupa na vida de uma criança, aqui no Pouso, pode ser melhor aproveitado. Poderíamos usar este espaço para discutir questões mais pertinentes a nossa comunidade. Poderíamos até fortalecer o espaço físico da escola utilizando-a como um ponto de encontro da comunidade. A professora atual tem essa proposta, de fazer com que a comunidade se reúna no entorno da escola, promovendo festas de confraternização entre os alunos e os pais, por exemplo. Eu acho uma proposta muito válida para repensarmos o espaço da escola aqui no Pouso, e utilizarmos esse local pra fortalecer a nossa comunidade.

Ana Cecília- Puxando um pouco essa sua fala João, sobre o papel da escola no fortalecimento da comunidade, gostaria de lhes perguntar qual a opinião de vocês sobre aquilo que hoje se ensina na escola. Eu já sei que o João é defensor de uma escola diferenciada, que ensine outras coisas além daquilo que se presta a ensinar atualmente, mas gostaria de perguntar se vocês acreditam que para morar aqui no Pouso e desempenhar os trabalhos necessários à vida diária de cada um de vocês, os saberes que a escola transmite hoje são realmente necessários?

controladora e reprodutora. Na visão crítica otimista, a escola pode ser considerada útil para a transformação social sem desconsiderar que também assuma uma posição não neutra. A possibilidade de considerarmos essa concepção vem do fato de que as instituições sociais são de natureza contraditória, por não serem monolíticas, o que permite que sejam permeáveis a conflitos sociais e mudanças políticas. Ao mesmo tempo que a escola pode servir para reproduzir as injustiças sociais, pode também promover espaço de discussão, objetivando mudanças, onde o educador tem uma autonomia relativa, pois a escola não é totalmente independente e nem é totalmente dominada.

João - Você está perguntando sobre essa escola de quatro paredes, certo? Olha, se eu disser a expressão "não precisamos dessa escola", seria muita arrogância da minha parte, porque em determinado momento a gente precisa sim, saber ler e escrever, mas tirando isso, em momento nenhum ela tem ajudado em mais nada. A não ser pra ler e escrever, ela não tem serventia. E ainda tem criança que nem isso sabe, sai da 5ª série sem saber ler e escrever direito. Então, essa escola não ajuda tanto assim como deveria ajudar.

Antônia- Eu não concordo com o João, porque para mim ajuda em tudo. Eu trabalho no barco, os turistas "não me passam a perna" e os pescadores, na hora que precisam fazer uma conta, sempre me chamam para ajudar.

João- É verdade Antônio, eu sei que na escola a primeira coisa que você aprende é somar e dividir, mas isso já está na cabeça, mesmo, de quem não sabe ler e escrever. Meu pai, por exemplo, não sabia ler e escrever, mas tinha uma matemática muito boa.

Ana Cecília- Então, João você nos abre imensamente a discussão quando relata que seu pai, apesar de não ter tido acesso a um ensino formal, sabia matemática, e que poderia fazer transações de compra e venda, sem necessariamente ter tido que passar pela escola para adquirir tais conhecimentos. Prova disso, é também o exemplo do Roberto que acabamos de discutir. Ele também não teve um ensino formalizado, mas afirma saber tudo aquilo que necessita para suas atividades diárias. Já no caso de Antônio, vejo que a escola desempenhou um importante papel ensinando-lhe conteúdos que a auxiliam em seu dia a dia e no seu trabalho, que lhe garantem a subsistência. Podemos relacionar a necessidade da escola, neste momento, ao ganho do pão, do sustento, diretamente atrelado ao saber para o trabalho. A sua fala, Antônio, quando você cita a necessidade de saber matemática para que os turistas não "lhe passem a perna" lembrou-me uma frase de Maamari¹¹¹ onde ela diz que é impossível ao indivíduo dominar todo o saber,

¹¹¹ Maamari, 2009

portanto, que seja ao menos dado a cada um, saberes necessários para que este não seja enganado por aqueles que atingiram patamares de conhecimento mais elevados¹¹².

Estela- Isso me lembra muito o que discutimos na nossa primeira conversa, quando falávamos dos princípios da escola republicana, que apesar de aparentemente nobres, são baseados em princípios de reprodução estrutural das desigualdades sociais existentes e que, por isso, não podem atuar, agindo dessa forma, como um agente que promova a exclusão social. Podemos perceber tais fatores quando entendemos que a escola privilegia apenas um tipo de saber matemático, por exemplo, que é a matemática escolar, enquanto existe grande pluralidade de práticas matemáticas que não são dignamente reconhecidas no espaço escolar, ou seja, com o mesmo *status* da matemática escolar.

Helena- Mesmo que o João desacredite desta escola, e coloque argumentos bastante coerentes, eu acho que a escola serve para um monte de coisas, basta você saber usá-la. Acho que a escola serve para ensinar a tomar uma direção, se divertir, fazer amigos, ter o objetivo de estudar, fazer uma coisa de legal e descobrir o que você quer ser. Serve pra você ter uma profissão, você ter amigos.

Ana Cecília- Helena, você me auxiliou a voltar nesse assunto, que é o uso da escola com a finalidade de se ter uma profissão, portanto gostaria de realizar algumas colocações para enriquecer nossas reflexões. Eu vou voltar a falar de Charlot¹¹³ pois ele realizou uma pesquisa muito interessante. Na pesquisa que ele fez com alguns estudantes, constatou que os participantes apresentavam

¹¹² "Se o saber desemboca num poder, este jamais será absoluto, e se a todos não seria possível dominar todo o saber, ao menos a cada um ser-lhe dado suficiente instrução para que não sejam enganados por aqueles que atingiram maiores progressos." (Maamari, 2009, pág 67)

¹¹³ Bernard Charlot, 2001

expectativas relacionadas à escola que condiziam com essa sua opinião, Helena. Nas dinâmicas, eles buscaram entender quais seriam os espaços e saberes pessoais mais valorizados por aqueles alunos e que seriam considerados necessários à sua esfera social. Nos resultados verificaram que os saberes mais valorizados pelos jovens são aqueles necessários a um tipo de sociabilidade, que esteja relacionado à vida coletiva. A escola foi considerada um espaço privilegiado de socialização desses jovens, mostrando que ela tem um papel importante como espaço físico que propicia um saber que eles valorizam. Assim como esses jovens, você, Helena, considerou que a socialização com os outros é um objetivo importante da escola quando disse que a ela servia pra se divertir e fazer amigos. Em relação aos conhecimentos específicos trazidos pelas disciplinas da escola, a “utilidade” de tais conhecimentos eram remetidos novamente pelos estudantes pesquisados, à questão do trabalho, como já foi colocado diversas vezes por cada um de vocês.

João- É! Acredito que tratamos a educação como se ela fosse só ler e escrever, mas de fato a educação representa muito mais do que isso. A educação vai muito além de ler e escrever: ter o conhecimento, o saber, ter a troca, saber respeitar os outros, o próximo que está à sua volta, respeitar a natureza. Acredito que a educação está relacionada a muita coisa. Essa escola que temos hoje, me parece muito limitada a esse respeito.

Eduarda – Eu acredito que pra essa escola poder atender melhor as necessidades daqui do Pouso teria que oferecer cursos profissionalizantes, pra que os alunos saíssem com uma profissão, tivessem um objetivo. Veja bem, aqui no Pouso não tem muito emprego, tem só os de professor, de merendeira, e de agente de saúde. Três pessoas tem, entre aspas, emprego fixo. O resto, não. Daí o aluno se pergunta: vou estudar pra quê? Então, a escola teria que colocar alguns objetivos voltados para a vida futura da nossa comunidade. Acho que podia ter curso de mecânica, pois tem muito motor de barco para ser consertado. Poderia formar guias para trabalhar com turismo. Entender sobre energia solar e

aprender a instalar placas solares¹¹⁴ pois um dos grandes problemas que temos aqui é de energia elétrica e não temos técnicos que nos auxiliem a resolver esse problema. Os alunos poderiam aprender coisas que poderiam ser utilizadas aqui mesmo. Precisamos mostrar a importância do estudo, mostrar que o aluno vai ter uma profissão, e que vai poder sobreviver disso.

Bruna- Acho uma excelente ideia, Eduarda, porque hoje em dia você não faz nada sem ter o conhecimento. Tem que fazer cursos pra conseguir alguma coisa na vida. O único trabalho que temos hoje aqui é a pesca, exceto para alguns poucos que desempenham outras funções. Em minha opinião, aqui no Pouso eles poderiam colocar uma fábrica de alguma coisa que pudessem fazer aqui e vender lá na cidade.

João – Bruna, quando você diz que “não se faz nada sem ter o conhecimento” me ocorre que a escola é que nos entrega uma concepção de que existe um conhecimento universal, o conhecimento ao qual você acabou de se referir, que uma vez aprendido, se aplica a qualquer tipo de trabalho, a qualquer prática da vida. Mas na prática, a teoria é outra, diz o provérbio.¹¹⁵ Na verdade, todo o conhecimento teórico que aprendemos na escola pouco nos ajuda em nossas profissões. Aprendemos realmente a fazer cálculos quando temos que gastar no supermercado somente o tanto que nosso salário permite. Assim, como a escola ensina a mesma coisa para todos, independente do meio cultural que a abriga, foi necessário criar escolas profissionalizantes. Por isso, além de termos que fazer anos de escola, temos que fazer cursos que nos ensinam sobre nosso trabalho, como diz a Eduarda.

¹¹⁴ Placas solares são dispositivos para se converter a energia solar em energia elétrica.

¹¹⁵ Em Nakamura e Moura (2012) observamos que a escola coloca a teoria e a prática em oposição, sendo necessário realizar deslocamentos desses termos para que o sentido de oposição seja refletido e repensado.

Ana Cecília- Gostaria de trazer algumas contribuições para esse novo tema que emergiu das falas, isto é, a escola profissionalizante. Ponce¹¹⁶, professor e político argentino, pode nos esclarecer sobre a gênese da escola técnica quando relata que a burguesia existente no século 19 não poderia negar instrução ao povo, pois, para manejar determinadas máquinas industriais era necessário um mínimo de instrução como, por exemplo, o domínio de algumas letras suficientes para o trabalho¹¹⁷. Para Ponce, as escolas técnicas surgiram junto às próprias fábricas que requisitavam tais conhecimentos e, conseqüentemente, com o apoio da iniciativa privada, pois as escolas tradicionais não podiam atender a essa demanda¹¹⁸. É interessante ler um trecho do relato de Ponce acerca da distinção de tais escolas técnicas em relação às tradicionais escolas da época:

¹¹⁶ Aníbal Ponce, 1963

¹¹⁷ "Mas a burguesia não podia recusar instrução ao povo, na mesma medida em que fizeram a Antiguidade e o Feudalismo. As máquinas complicadas que a indústria criava não podiam ser eficazmente dirigidas pelo saber miserável de um servo ou de um escravo. << Para manejar certas ferramentas é necessário aprender a ler, dizia Sarmiento (1811-1888) a Alberdi, numa polêmica notória. Em Copiacó se paga 14 pesos ao operário rude, e 50 ao operário inglês que, pelo fato de saber ler, recebe as encomendas mais delicadas e todo o trabalho que requeira o uso da inteligência. Para manejar o arado é necessário saber ler! Só nos Estados Unidos é que se generalizou o uso de arados aperfeiçoados, porque só nesse país é que o trabalhador rural, que deve manejá-los, sabe ler. No Chile, por agora (1853), é impossível popularizar as máquinas de arar, de trilhar, de debulhar milho, porque não há pessoal para manejá-las, e eu próprio vi numa fazenda quebra-se a debulhadeira no próprio instante em que era posta a funcionar>>. O testemunho de Sarmiento é terminante: o trabalhador assalariado já não poderá satisfazer o seu patrão se não dispuser ao menos de uma educação elementar. .É pois necessário procurá-la, como uma condição *sine qua non* para ser explorado." (Aníbal Ponce, 1963, pág 141)

¹¹⁸ "Favorecer o trabalho científico, mediante escolas técnicas e laboratórios de altos estudos, foi, desde essa época, uma questão vital para o capitalismo. As escolas tradicionais não estavam em condições de satisfazer essa exigência. Longe das

"Para <<fazer os outros trabalharem>> não é necessário certamente muita ciência. Como estranhar, pois, que, ao lado das escolas industriais e superiores, destinadas a preparar os capatazes e os técnicos do exército industrial, a burguesia tenha reservado para os seus filhos outro tipo de ensino, inteiramente separado do trabalho, que considerava como o único tipo de ensino verdadeiramente digno das classes superiores? "O caminho que leva as universidades e, por isso mesmo, às altas posições governamentais impõe um tipo de instrução tão distante do trabalho produtivo que apenas se diferencia da que ministravam os jesuítas nos tempos do Rei Sol, uma instrução tão inacessível às grandes massas que só podem beneficiar-se dela aqueles que absolutamente não tem de se incomodar com o seu próprio sustento." (Ponce, 1963, pág 145)

Apesar de a escola do Pouso não ser uma escola propriamente tecnicista, encontra-se nela muitos indícios de uma educação que visa o preparo do indivíduo para o mundo do trabalho, sendo essas características asseguradas por lei. Um bom exemplo disso é o artigo 22 da LDB¹¹⁹ que ressalta que a finalidade da educação básica é fornecer ao educando meios para progredir no trabalho, assim como no artigo 27¹²⁰ da mesma lei, que nos traz que uma das diretrizes que deve

influências oficiais, junto às próprias fabricas e como frutos diretos da iniciativa privada, começaram a surgir as escolas politécnicas." (Aníbal Ponce, 1963, pág 141)

¹¹⁹Art. 22. "A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores."

¹²⁰ "Art. 27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

- I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;
- II - consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;
- III - orientação para o trabalho;
- IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais."

ser observada é a orientação para o trabalho (diretriz III) ¹²¹. Os objetivos e o currículo da escola do Pouso, por ser esta uma escola administrada pela secretaria de educação, também se fundamentam nesta lei.

Isabela- Mas eu acredito que tenha uma lei específica que trate de uma escola como a nossa, não tem? Tem períodos aqui na costeira onde precisamos ser maleáveis quanto as faltas de alguns alunos que precisam ajudar seus pais com os turistas e com a pesca. Isso demonstra que não temos um tipo de vida igual ao da cidade, e que, portanto, a escola também precisa ser diferenciada.

Estela- Isabela, existem sim, determinações na lei, específicas para esse caso, como outorga o artigo 28 da LDB que traz determinações que, pelo menos, na letra da lei estariam prognosticando uma escola, no estilo que pensamos, apropriada para a nossa comunidade. O artigo fala que a escola precisa ter conteúdos e metodologias apropriadas às necessidades da localidade, assim como fala que a organização da escola precisa se adequar às condições climáticas e as necessidades de trabalho da comunidade onde está situada. ¹²²

¹²¹ Artigo 205 da CF88, assim como no artigo 2º da LDB: "a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."

¹²² Artigo 28 da LDB:

"Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, as peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural."

A partir disso, podemos dizer que a escola do Pouso não é nem uma escola universal a qual se referiu João, anteriormente, porque tem classes multisseriadas e nem uma escola rural, porque seu currículo é o currículo universal para todas as escolas, não está adaptado às necessidades da comunidade, como reza esse artigo. Por exemplo, os métodos de ensino, os conteúdos e os livros de matemática são os mesmos que são seguidos em qualquer outra escola.¹²³ Ou seja, verificamos, claramente, aqui no Pouso, que não temos uma organização escolar, vinda da secretaria, que esteja de acordo com as nossas necessidades.

João- Pois é, é o que nós percebemos aqui. Percebemos um certo descaso com as escolas das nossas comunidades caiçaras por parte do poder público. Esse descaso que verificamos aqui, hoje, me faz refletir o porquê de eu ter essa educação. Eu sei que não a aprendi na escola. O meu pai que me ensinou. Pra mim essa escola não veio, de forma alguma, estruturar uma comunidade como a nossa, uma comunidade tradicional. Ela te ensina a ler e a escrever, mas não te dá uma oportunidade de você seguir adiante, pois só vai até o 5º ano. Por mais que o aluno queira, não tem uma continuidade. Consequentemente, abandona a comunidade e vai embora para Parati. Eu acho que para as comunidades caiçaras tem que mudar muito o tipo de escola. Não só para o caiçara, mas também para

¹²³ Para o professor da Unesp de Assis, Carlos Brandão¹²³, há diferentes motivos que nos levam a concluir que os conteúdos do artigo 28 não estão sendo efetivamente aplicados na realidade educacional brasileira por dois motivos que ele elenca, a saber: a constante diminuição da quantidade de escolas rurais existentes no Brasil, devido, em especial, ao processo de urbanização e o consequente êxodo rural que o país sofre até os dias atuais; e, conforme gastos com transporte, são inseridos nos recursos financeiros destinados à educação, segundo a própria LDB, grande parte dos municípios utiliza essa verba para equipar a frota de veículos destinada a transporte escolar, o que faz com que crianças da zona rural sejam transportadas para a zona urbana. Esses motivos fizeram com que a modalidade de ensino rural, nos dias atuais, fosse residual e limitada. Porém, como no caso da escola do Pouso, podemos verificar que mesmo onde tem uma escola dita rural, ela não se rege sob a prerrogativa da lei.

qualquer comunidade. Uma escola voltada para o dia a dia dessas pessoas e não só pras necessidades que a cidade impõe pra nós.

Ana Cecília- O filósofo Bernard Charlot discute a respeito, ao dizer que quando permitimos que a lógica econômica predomine sobre o modelo escolar, observamos efeitos considerados negativos. A escola acaba por se tornar apenas o caminho a ser trilhado em busca de um diploma que culmine na obtenção de um bom emprego¹²⁴, sendo que os aspectos de promoção do saber e da cultura vão aos poucos desaparecendo, transformando o espaço escolar apenas em um local que promova acesso ao dinheiro¹²⁵. Você, João, quando nos afirma que “essa escola não veio para estruturar uma comunidade tradicional”, concorda com Charlot quando definem o tipo de escola que nos é apresentada hoje.

Estela- Mas essa escolarização, que padroniza os currículos para os diferentes contextos, está treinando as pessoas para empregos dentro de uma cultura urbana e de consumo. A diversidade de culturas, a diversidade de indivíduos únicos, está sendo destruída dessa forma.¹²⁶

E ainda olhando os documentos oficiais que definem as finalidades da Educação Escolar no Brasil, podemos afirmar que apresentam-se, comumente, os binômios mundo do trabalho/prática social e exercício da cidadania/qualificação para o trabalho¹²⁷. Vejo tanto essas definições que estou certa que isso só pode significar que esses elementos são fundamentais quando se pretende definir a atual concepção de educação que vivenciamos¹²⁸.

¹²⁴ Atentando-se para o fato de que a promessa de um bom emprego também nem sempre é cumprida pela escola.

¹²⁵ Bernard Charlot, 2005

¹²⁶ Filme Escolarizando o Mundo, 2013

¹²⁷ Carlos da Fonseca Brandão, 2007

¹²⁸ “...podemos afirmar com segurança que a concepção de Educação vigente nessa LDB, assim como na Constituição Federal, considera que o papel da Educação é formar o

Ana Cecília- Mas eu queria ainda explicar a noção de “escola limitada” que o João trouxe em sua fala. Vamos buscar os rastros¹²⁹ de significação dessa escola que você qualifica como muito limitada? Lá em Aristóteles, filósofo grego do século III a.c., já havia a enunciação de uma separação entre a educação com finalidades práticas (atividade) e a educação teórica (ócio). Aristóteles explanava, em seus discursos, que a educação do homem livre não deveria ter como objetivo o exercício profissional.¹³⁰

Adriana- É como se essa limitação, a qual João se refere, demonstre que a escola, sendo como é, atinge determinados patamares mas não os consegue ultrapassar. Talvez, esse fato se dê por conta dessa separação entre educação prática e teórica, que você acabou de nos trazer, e que foi há muito tempo enunciada por Aristóteles.

Tomaz- Pois é, mas nós podemos interpretar essa limitação também de outro modo como, por exemplo, quando nos pomos a pensar que a linha divisora entre uma educação prática e uma educação teórica possa ser quebrada pela linguagem utilizada na transmissão desses conhecimentos e pela maneira como, didaticamente, esses conhecimentos são transmitidos.

Ana Cecília- E pensando dessa forma, lhes pergunto: E se o caixara fosse condicionado a seguir as regras formais, ou melhor, os algoritmos das operações

indivíduo para conviver em sociedade e para trabalhar.” (LDB- Carlos da Fonseca Brandão)”

¹²⁹ A noção de rastros nos é trazida por Derrida. O autor nega a possibilidade de existência de rastros originários e nos afirma que algo só se afirma a partir do rastro do outro, que, por sua vez, também é rastro. (MIGUEL; VILELA; MOURA, 2010)

¹³⁰ Aníbal Ponce, 1963.

aritméticas do modo como a escola ensina¹³¹, para calcular o preço do peixe, mesmo conseguindo efetuar corretamente os cálculos mas de outro modo, como por exemplo, o modo ensinado por seu pai? Um modo, cujas regras eram usadas antes mesmo da chegada da instrução formal, no Pouso. Já estavam na “cabeça” do caçara assim como estava na “cabeça” do pai de João. Será que abraçando definitivamente a educação formal, como único caminho possível para um futuro promissor e colocando-se à disposição, como mão de obra produtiva, para o sistema capitalista, estaria o caçara negando sua ciência, seu saber prático, em prol de uma relativa estabilidade financeira adquirida quando o caçara consegue um “emprego fixo” na cidade? Ou, ainda, seria a educação formal uma questão de sobrevivência para ele, dadas as condições desfavoráveis para se viver no Pouso, ditas por muitos de vocês em nossas entrevistas?

João- Eu só sei que a escola como ela é hoje, não serve para o povo aprender, para o povo ter informação que precisa para a vida. A minha ideia é que uma escola diferenciada possa trazer essas informações. Uma escola diferenciada, de acordo com as nossas necessidades, vai reconhecer e valorizar a nossa cultura, vai preparar o aluno para saber fazer as práticas da vida da comunidade do Pouso. Essas coisas a mídia de massa e o sistema econômico capitalista não colocam para você. Eles querem que você aprenda a consumir, e não querem que você tenha informação nem acesso às políticas públicas que pudessem nos possibilitar melhores condições de educação. Eles querem que você fique reduzido à política deles.¹³² Numa escola diferenciada, onde você comece a se

¹³¹ As regras para calcular podem ser deduzidas da própria oralidade numérica que expressa as regras do sistema de numeração decimal, como por exemplo, somar vinte e cinco com trinta. É só somar vinte com trinta e acrescentar cinco. Isto uma pessoa não escolarizada matematicamente o faz, sem mesmo conhecer o sistema de numeração. Na verdade, ela está seguindo regras que compõem o próprio número e expressas na oralidade numérica.

¹³² Quando esta expressão “ficar reduzido à política deles” foi trazida em uma das entrevistas, busquei manter o formato original da frase transmitida pois, ela expressa a

valorizar, a ter conhecimento, você vai começar a pensar diferente, você vai começar a agir diferente.

Ana Cecília- De fato, João, Charlot tem uma frase que combina perfeitamente com a sua fala. Vou lê-la aqui para vocês:

"aprender é mudar, formar-se é mudar. Não se pode aprender sem mudar pessoalmente, porque, se estou aprendendo coisas que têm um sentido, vou mudar minha visão do mundo, minha visão da vida." (Charlot, 2005, pág 71)

João – Mas aprender aquilo que faz sentido para a gente, está muito longe da escola que temos aqui no Pouso. Precisaríamos pensar numa outra escola, noutra forma de currículo, algo próximo ao que já foi dito aqui. Uma escola que nos ensine a problematizar nossa estagnação cultural, a problematizar o medo que temos de a comunidade ser extinta, a problematizar novas formas de trabalho, para além da pesca. Não seria interessante pensarmos numa escola endógena, voltada unicamente para as necessidades mais imediatas da comunidade, pois dessa forma, deixaria de mostrar outras formas de vida, e portanto, deixaria de possibilitar outros modos de ver a comunidade que não só o da preservação da cultura. Expectativa essa, que levada ao extremo, pode tornar-se uma expectativa de preservação enjaulada, à semelhança de um zoológico. Uma escola que leva a descobrir outro mundo possível, ampliando o mundo da criança além dos muros da cultura de sua comunidade, pode levar a criança a deixar a sua comunidade. Mas esse é um risco que devemos correr, pois a criança tem o direito de se identificar com um grupo diferente daquele onde nasceu.¹³³

Eduarda – Diante dessas colocações todas, fico me perguntando se a escola que temos pode realmente mudar a vida de alguém? Eu mesma não sei dizer se isso aconteceu comigo.

indignação do caiçara em ser submetido aos interesses de uma elite econômica e social que reduza os direitos caiçaras conforme lhes seja conveniente.

¹³³ Bernard Charlot, 2005, pág 137

Bruna- Eu acredito que a escola trabalhe mais pela educação das crianças. Os pais querem ter os filhos mais educados. Eles me falavam que como eles não tiveram oportunidade, queriam que os filhos tivessem a chance de aprender a serem crianças educadas. Eles prezavam muito o respeito pela educação.

Ana Cecília- Vejo que alguns de vocês acabaram por deslocar o sentido da palavra educação, trazendo o significado para algo que nos referimos como bons modos. A escola, de fato, serve para contribuir com nossa disciplinarização.

O filósofo Mario Sergio Cortella¹³⁴ nos conta uma interessante história da visita de dois caciques da nação Xavante à cidade de São Paulo, em 1970. Os caciques foram levados a conhecer diversos lugares da grande cidade, com os quais pudessem se impressionar, sendo um dos locais escolhidos, o mercado da cidade. A ideia seria impressioná-los com a quantidade de alimentos facilmente disponíveis e empilhados em grandes quantidades, fato incomum em suas experiências na aldeia. De repente, um dos caciques apontou para um menino de 10 anos, pobre, catando verduras e frutas amassadas do chão e indagou a um dos anfitriões o que ele estaria fazendo, recebendo a resposta “óbvia”: *Ele está pegando comida*. O cacique voltou a perguntar ao anfitrião porque aquele garoto estaria pegando comida podre do chão se havia tanta comida boa nas pilhas e caixas, por todo o mercado. O cacique recebeu a resposta de que o menino assim o fazia pois ele não tinha dinheiro e não tinha dinheiro porque era criança. O cacique indagou se o pai do garoto tinha dinheiro, recebendo uma resposta negativa para sua questão. Tais indagações levaram aquele cacique a fazer uma última pergunta a seu anfitrião: *Por que você é grande e tem dinheiro e o pai do menino que também é, não o tem?* A única saída do anfitrião foi responder ao cacique: *Porque aqui é assim!*

Os caciques dessa história, para que entendessem esse “porque aqui é assim!” teriam que ter sido formados por nossa sociedade e instituições sociais, incluindo as escolas, afim de que fossem civilizados e entendessem um dos modos de organização de nossa cultura, tão comum aos nossos olhos. justamente

¹³⁴ CORTELLA, 2009

porque recebemos essa “disciplinarização” e tão horrorizante aos olhos deles porque isso o é, por si só. A moral dessa história busca trazer aquela que é, ou deveria ser, a grande função da escola nos dias atuais, que seria destruir, pulverizar, desconstruir o tal “porque aqui é assim”. Começando por desconstruir as verdades instituídas no currículo escolar, nas relações de poder na vida escolar, na ética escolar. Essa liberdade em ultrapassar os limitantes sociais e as convenções impostas é a grande capacidade humana de reinventar a sua história através de uma ética da rebeldia que valorize a nossa inconformidade com o que está imposto e que busque recriar um ambiente mais justo e democrático.

A escola deveria problematizar e desconstruir o conformismo ou a naturalização diante do obviamente injusto, diante da miséria e diante da desigualdade. Precisamos levar em conta a forma como esse aluno encara a sua própria relação com o saber escolar, quebrando o mito de que esse saber só serviria para uma possível ascensão social através de um bom emprego. Isso estaria reproduzindo as regras sociais, tais quais as conhecemos hoje. Ao desconsiderar que o ser humano é um ser social, que vive conjuntamente com outros seres humanos, objetivar um bom emprego no futuro como única finalidade para a educação é tampar os olhos para o conjunto social que envolve todas as relações humanas. Só quando entendemos as relações humanas e os alicerces críticos, políticos e científicos nos quais elas se fundamentam é que poderemos tirar a venda dos olhos, enxergar o outro como parte de nossa própria história e de nossa própria humanidade.

Eu gostaria de convocar os presentes, neste momento, a comentar a fala do João, quando ele se indigna por não ter uma continuidade possível para essa escola do Pouso.

Antônia – Eu queria que o meu filho estudasse e que terminasse os estudos. Mas se não tiver o EJA mais por aqui, é capaz de ele virar pescador como o pai. E eu não gostaria disso pra ele porque eu acredito que uma hora o peixe vai acabar, pois já está acabando. Em um momento, ele vai precisar dos estudos pra outro tipo de serviço. Eu acho que meus filhos não vão continuar morando aqui no

Pouso comigo, eu acho que eles terão que ir pra cidade. O IBAMA¹³⁵ já está impondo limitações à construção das nossas moradias.

Roberto- Antônio, penso diferente de você. Pra mim, a cidade é uma ilusão. Você levar o seu filho da roça pra estudar na cidade é uma ilusão, porque ele não aprende nada. Mesmo que ele aprenda, ele não vai arrumar um bom emprego porque hoje pra arrumar um bom emprego, a pessoa tem que ter bons estudos. Porque hoje, pra tirar o filho da roça e levar pra cidade é necessário ter muito cuidado. Eu vou me mudar mais acima, no morro, pra levar a criançada daqui a aprender a fazer roça, porque no momento não sabem.

Ana Cecília- Eu quis que voltássemos novamente à ideia dos estudos pois todos os pais que tem filhos e netos, por mim entrevistados, relataram o desejo de que os filhos terminassem os estudos, e mesmo Roberto, que nunca foi à escola, acha que terminar os estudos implica ir para a cidade. Mas ao mesmo tempo, alguns ressaltaram que pode haver perigos nessa ida à cidade e afirmam que a "cidade é uma ilusão". Vocês desejam um fortalecimento da comunidade, mas alguns não desejam que o filho seja pescador, como o pai, que seria a "única" profissão atualmente existente no Pouso, exceto aquelas três situações já ditas que é ser professor, merendeiro ou agente de saúde.

Bom, se a possibilidade de trabalho na comunidade é escassa, além disso, o IBAMA tem imposto diversas restrições como a proibição de construção de novas moradias no Pouso, estamos então num impasse quanto à permanência do jovem no Pouso e, portanto, quanto ao futuro de nossa comunidade. E é diante desse impasse que a escola deveria cumprir o papel de problematizar novas formas de ver a vida na comunidade, deveria auxiliar na busca por outras alternativas. Nesse caso, a escola que prepara o indivíduo para o mundo do trabalho fora da comunidade seria então vista com bons olhos. No caso, se vocês relatam que já não é mais possível morar na comunidade do Pouso, a escola então, fazendo com que os alunos necessitem se mudar para a cidade para terminar os estudos arrumando, assim, formas de ganhar a vida fora da comunidade, estaria

¹³⁵ IBAMA- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais

contribuindo para este futuro exposto por alguns de vocês. Nesse caso, deixemos de lutar por uma escola diferenciada, que atenda as necessidades da comunidade, e deixemos a atual escola continuar “doutrinando” e “instruindo” seus alunos com conhecimentos universais para que deixem de morar aqui. Eu sei que esse não é o desejo de muitos de vocês, mas gostaria de, com essa fala, abrir uma reflexão para pensarmos em modos de fazer com que a escola contribua para a permanência da comunidade neste local, se assim for o desejo de todos os moradores.

Mas fazendo uma ponte lá com as questões conservacionistas que discutimos na nossa primeira conversa, com as questões que aqui levantamos sobre a escola, quando nos colocamos a pensar na situação de preservação e de como a biologia da conservação vem, de forma autoritária, dizer como as populações caiçaras devem preservar seu território, podemos pensar da mesma forma na escola? Eu quis dizer, podemos pensar que a escola está sendo posta de forma autoritária aqui para o Pouso?

João- Bom, se nós observarmos as formas de educação dos povos tradicionais e compararmos com isso que vemos hoje, é claro que a educação dos povos tradicionais auxiliaram o povo a compreender seu próprio e específico clima, seu solo, sua água, e assim elas conseguiram sobreviver independentemente, responsáveis por suas próprias vidas, geração após geração. Nesse sistema educacional que aqui está posto, nós não aprendemos a compreender a nossa terra como compreendemos com nossos antepassados. Ao invés disso, como eu já falei antes, nós aprendemos a consumir e a depender de produtos industrializados. Ou seja, ficamos restritos a uma cultura de consumo sendo que temos todas as condições de sermos autossustentáveis. Então, as crianças, uma vez educadas nas escolas modernas, elas não sabem sobreviver em seu próprio meio ambiente.¹³⁶

¹³⁶ Filme: Escolarizando o Mundo, 2013

Tomaz- Mas nós sabemos que as comunidades tradicionais correm o risco de desaparecer. Temos perdido muito espaço em nossas lutas, as batalhas estão sendo vencidas por oponentes que estão fora do nosso alcance. Tenho poucas perspectivas em relação a permanecer aqui. Em imaginar que conseguiremos preservar nossa cultura e nossas tradições.¹³⁷

Estela- Nós não vamos desaparecer! Como o João já disse em outro momento, nós não somos uma cultura fraca e frágil, muito pelo contrário, somos um povo vivo e dinâmico, e estamos sendo levados à inexistência por forças identificáveis. E é a identificação dessas forças que nos dão coragem para seguir em frente e repensar o que nós somos e como nos colocaremos ante a comunidade, ao poder público, ao órgão ambiental que administra essa reserva e à educação formal e não formal que garantimos aos nossos jovens¹³⁸.

Ana Cecília- Obrigada pela presença de todos neste momento. Gostaria de finalizar dizendo que a medida que o diálogo acontece outras problematizações se fazem presentes e igualmente necessárias à desenvolvidas. Muitos outros deslocamentos poderiam ser feitos e que por isto permanecem em abertos para novos diálogos. Neste sentido, este adeus momentâneo, é uma não finalização.

¹³⁷ Notícia: Comunidades litorâneas correm o risco de desaparecer: <http://www.mpabrazil.org.br/noticias/comunidades-tradicionais-litoraneas-correm-risco-de-desaparecer>

¹³⁸ Filme: Escolarizando o Mundo, 2013

Tecendo algumas observações finais... porém, não conclusivas.

Algumas temáticas prioritárias emergiram durante as entrevistas, sendo que, a maioria delas, foi contemplada, de alguma forma, nas narrativas construídas ao longo desse texto. A “utilidade” da escola para a comunidade foi traduzida em algumas falas como: a escola para a educação moral, a escola para a formação do cidadão, a escola como único caminho para o futuro almejado, a escola como meio para se obter emprego. Algumas falas também trouxeram a concepção de que a escola atual, a que está posta na comunidade, não lhes tem “serventia” alguma, pois não contribuem com os conhecimentos necessários para a vida na comunidade, exceto aqueles conhecimentos que me permitem o relacionamento com aquele que “vem de fora”, como ler, escrever e fazer cálculos nas relações de compra e venda.

Outros temas abordados se referiam a questão ambiental que circunda todas as relações dos moradores da comunidade. A REJ passa por um processo de recategorização e essa ação surgiu na fala de muitos entrevistados, espontaneamente, pois não era o foco deste trabalho. O surgimento deste tema se deu pelo fato de que muitos dos entrevistados acreditam que não poderão mais morar na localidade devido a uma série de restrições impostas pela legislação ambiental e, dessa forma, a escola seria vista como uma instituição benéfica porque prepararia os alunos para trabalhos que existem na cidade, que seria, provavelmente, o novo local de moradia daqueles que deixariam o Pouso da Cajaíba. Por outro lado, muitas das lideranças entrevistadas buscam lutar pelo fortalecimento da cultura da comunidade e veem, na escola, um espaço possível onde isso poderia ser feito formalmente, com ações previstas no currículo, através de uma escola diferenciada para atender as demandas da população. Nesse caso, a escola é vista, atualmente, como maléfica, pois não colaboraria incisivamente na preservação da cultura e costumes caiçaras, ficando isso a cargo de algumas ações pontuais de líderes comunitários e das próprias professoras que inserem, espontaneamente alguns desses conteúdos, no dia a dia da sala de aula.

Como a temática da conservação apareceu espontaneamente em muitas das falas dos entrevistados, busquei criar uma boa parte da narrativa sobre essa temática trazendo algumas das origens dos conceitos de conservação da natureza, nos quais se basearam grande parte das leis ambientais hoje existentes, e também alguns rastros das origens da idealização das paisagens intocadas e selvagens. Para colaborar com a discussão, alguns enxertos sobre ecologia social, que advoga pela permanência das populações tradicionais nas unidades de conservação, também foram colocados no debate.

Resumidamente, baseando-se nos movimentos de desconstrução dos conceitos aqui vistos, fizemos um ensaio que buscasse refletir sobre os significados de escola, que foi o nosso foco central, porém, como já visto, muitas outras temáticas surgiram durante este trabalho. Os autores aqui citados e confrontados vieram colaborar no sentido de darem vozes aos personagens das narrativas, assim como se fazerem ouvir através de seus espectros. Partimos do pressuposto básico de que tais significados, que buscamos aqui desconstruir, não são universais e, portanto, não são essenciais adquirindo, assim, diferentes configurações no tempo e no espaço

Partindo-se do princípio encontrado em Martins (2009) de que toda educação é sempre educação de alguém por alguém, pressupõe-se que o ato de educar compreenda a transmissão de valores e conhecimentos que se configurariam no que podemos denominar de conteúdos da educação. Tais conteúdos, determinados ideologicamente por um currículo formalizado na instituição escolar, reflete uma determinada cultura.¹³⁹

Essa cultura é aquela que deseja ser ouvida, compreendida e ensinada, mas para tanto, e para que faça sentido à luz de tantos questionamentos que se materializam diante da complexidade das questões postas pelos moradores do

¹³⁹ “Este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, pode-se perfeitamente dar-lhe o nome cultura” (Forquin, apud Martins, 2009).

Pouso da Cajaíba, esse conceito de cultura precisa ser mobilizado. E é essa cultura, que adquire várias ressignificações e passa a ser vista sob vários olhares, é a almejada. Mas para que ela possa ser ouvida, ela precisa ser confrontada, deslocada. Ela tem que sair de seu lugar confortável para experimentar outros sentidos, ou ninhos.

E, se para o Filme “Escolarizando o Mundo”, uma cultura tradicional é um ecossistema, onde cada elemento está interligado com os demais, para mim, uma cultura tradicional ultrapassa a sistematização, indo além de uma ordem posta. Ela se dissolve nas vozes e nas falas de seus personagens e se materializa, para, depois, num instante, rapidamente se dissolver novamente e sair em busca de um novo fôlego onde se ressignificar. A cultura caiçara é tão dinâmica e viva quanto o seu povo afirma ser.

Referências:

ARRUDA, Rinaldo - **"Populações 'Tradicionais' e a proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação"**. In Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Vol. 1 Conferências e Palestras, pp. 262-276. Curitiba, Brasil, 1997.

BARROS, José D'assunção. **Rupturas entre o presente e o passado**: Leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. **Páginas de Filosofia**, São Paulo, v. 2, n. 2, p.65-88, jul/dez. 2010.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB passo a passo**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº9.394/96), comentada e interpretada, artigo por artigo. 3. ed. São Paulo: Avercamp, 2007. 191 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A comunidade tradicional**. NUPAUB. Disponível em:

<<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/a%20comunidade%20trad160.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2014.

BRANDÃO, Fernanda Holanda de Vasconcelos. **Dignidade da pessoa humana e cidadania**: Princípios fundamentais e essenciais para o acesso à Justiça. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII, n. 75, abr 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7538>. Acesso em ago 2014.

BRASIL: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96

BRUNO, Mário. **O inconsciente estrutural**. Mente, Cérebro e Filosofia, São Paulo, p.39-47. Editora Duetto.

CARVALHO, Julia Manso Paes de. **O patrimônio imaterial da comunidade caiçara do Pouso da Cajaíba e a escola**: Em busca de uma educação

diferenciada. Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010, Dissertação de mestrado.

CHARLOT, Bernard (Org.). **A mistificação pedagógica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. (Org.). **Os jovens e o saber**: Perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: Questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005. 159 p.

CONTINENTINO, Ana Maria Amado. **A alteridade do pensamento de Jacques Derrida**: escritura, meio-luto, aporia. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006, Tese de doutorado.

COSTA, Glauciaglivian Erbs da. **Aonde se esconde o currículo oculto?**: Dispositivos e Rituais que silenciam vozes no currículo escolar. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Univali, Itajaí, 2009. Disponível em: <http://www6.univali.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=626>. Acesso em: 08 ago. 2014.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A escola tem futuro?** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 172 p.

DIEGUES, Antônio Carlos. **A etnoconservação da natureza**. In: DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). Etnoconservação: Novos Rumos para a Conservação da Natureza. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 01-46.

_____. **O mito moderno da natureza intocada**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

DUBET, François. **A escola e a exclusão**. Cadernos de Pesquisa, v. 119, n. , p.29-45, jul. 2003. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15742003000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 dez. 2013.

FERNANDEZ, Fernando. **O poema imperfeito**. Curitiba: Ufpr, 2011.

FREINET, Celéstin. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 417 p.

GRAYLING, A. C. **Wittgenstein**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GUHA, Ramachandra. **O biólogo autoritário e a arrogância do anti-humanismo**. In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Etnoconservação: Novos Rumos para a Conservação da Natureza**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 81-99.

HEUSER, Ester Maria Dreher. No rastro da Filosofia da diferença. In: SKLIAR, Carlos. **Derrida & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Cap. 3. p. 69-98.

IGARA CONSULTORIA EM AQUICULTURA E GESTÃO AMBIENTAL. Fundo Brasileiro Para A Biodiversidade- Funbio. **Definição de Categoria de Unidade de Conservação da natureza para o espaço territorial constituído pela Reserva Ecológica da Juatinga e Area Estadual de Lazer de Paraty Mirim: Caracterização Ambiental, Socioeconômica e Fundiária**. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: http://arquivos.proderj.rj.gov.br/inea_imagens/reserva_ecologica_juatinga/caracterizacao_socioecu.pdf. Acesso em: 08 ago. 2014.

IUCN. **Protect Areas Programme: PARKS- Population and Parks**. Gland: IUCN- The World Conservation Union, v. 8, n. 1, fev. 1998. Disponível em: http://cmsdata.iucn.org/downloads/parks_feb98.pdf . Acesso em: 07 ago. 2014.

MAAMARI, Adriana Mattar. **A fundamentação filosófica da escola Republicana**. Contexto e Educação, Rio Grande do Sul, v. 82, n. 24, p.59-81, dez. 2009.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 382 p.

MARTINS, Angela Maria Souza. **Breves Reflexões sobre as primeiras escolas normais no contexto educacional brasileiro, no século XIX**. Revista Histedbr

Online, Campinas, v. 35, p.173-182, set. 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/35/art12_35.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2014.

McDONALD, Henry. **The Narrative Act: Wittgenstein and Narratology**. Revista Surfaces Online, Oklahoma, University of Oklahoma, set 2013. Disponível em: <<http://www.pum.umontreal.ca/revues/surfaces/vol4/mcdonald.html>>. Acesso em: 09 out. 2014.

MÉSZÁROS, Isteván. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. 126 p.

MIGUEL, A. Vidas de professores de matemática: o doce e o dócil do adoecimento. In: GOMES, M. L. M.; TEIXEIRA, I. A. C.; AUAREK, W. A.; PAULA, M. J. (orgs.). **Viver e Contar: experiências e práticas de professores de Matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011, p. 271-309.

MIGUEL, A.; *"Vidas de professores de matemática: o doce e o dócil do adoecimento"*. **Viver e Contar: experiências e práticas de professores de Matemática**. 07/2011, ed. 1, Editora Livraria da Física, Vol. 1, pp. 39, pp.269-307, 2011

MIGUEL, Antonio; VILELLA, Denise Silva; MOURA, Anna Regina Lanner de **Desconstruindo a matemática escolar sob uma perspectiva pós-metafísica de educação**. *Zetetiké*, v. 18, Número Temático – 2010 b, p. 123-195. Campinas: CEMPEM-FE/UNICAMP. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/zetetike/article/viewFile/2840/2496>>. Acesso em: 08 ago. 2014.

NAKAMURA, Érica Mitsue; MOURA, Anna Regina Lanner de. **Problematizando práticas socioculturais na formação inicial de professores: Contribuições da terapia filosófica Wittgensteiniana**. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO- ENDIPE, 16., 2012, Campinas: Junqueira&Marin; Editores, 2012. v. 3, p. 4405 - 4415. Disponível em:

<http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/2926p.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2014.

NOFFS, Paulo. **As mudanças sociais e a cultura caiçara**. NUPAUB. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/noffs.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2014.

NUNES, Márcia. **Do passado ao futuro dos moradores tradicionais da Estação Ecológica Juréia- Itatins/SP**. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2003, Dissertação de Mestrado.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Fulgor, 1963. 192p.

ROSA, Henrique Campos Moreira. “**Atores e interesses que articulam as transformações sócio-espaciais de uma localidade caiçara: o caso de Pouso da Cajaíba no litoral sul-fluminense**”. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado UFRJ/CPDA. 2005.

SARKAR, Sahotra. **Restaurando o Mundo Selvagem**. In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). Etnoconservação: Novos Rumos para a Conservação da Natureza. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 47-65.

SCHMITZ, François. **Wittgenstein**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. 183p

SKLIAR, Carlos. A escrita na escrita: Derrida & a Educação. In: SKLIAR, Carlos. **Derrida & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Cap. 1. p. 9-38.

SNUC –**Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. Lei 9.985 de 18 de julho de 2000.

VASCONCELOS, José Antonio. **O que é a desconstrução?** Revista de Filosofia, Curitiba, v. 15, n. 17, p.73-78, dez. 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 191 p.

VILELA, Denise Silva. **Usos e jogos de linguagem na matemática**: diálogo entre filosofia e educação matemática. São Paulo: Livraria da Física, 2013. 352 p.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cultura e valor**. Lisboa: Edições 70, 1980. 127 p.

_____. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994. 350 p.

Filmes:

ESCOLARIZANDO o Mundo: o último fardo do homem branco. Direção de Carol Black. S.i.: Lost People Films, 2013. Son., color. Legendado. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs>. Acesso em: 05 dez. 2013.

Apêndice 1: Perguntas que nortearam a entrevista com os professores e ex-professores da escola da comunidade.

1)Nome_____

Leciona qual matéria? _____Série:_____

2)Idade_____ Mora no Pouso? ()Sim ()Não

Se sim, mora desde:_____

3)Nível de escolaridade_____

4)Estudou na escola do Pouso? ()Sim () Não

Estudou em que escola? (cidade)_____

5)Tem filhos que estudam na escola do Pouso? ()Sim ()Não. Quantos?_____

Em que série estão? _____

6)Tem filhos que não estudam na escola do Pouso? ()Sim ()Não. Quantos?_____

Em que série estão?_____

Porque eles não estudam na escola do Pouso, caso seja moradora do Pouso?

7)Você já utilizou o espaço da escola do Pouso para atividades da comunidade?

()Sim ()Não

Que tipo de atividades e quantas vezes isto aconteceu?

Perguntas norteadoras da discussão:

8)Você acha que a escola é necessária para a vida de uma pessoa? De que forma ela é necessária? Como você acha que ela pode influenciar na vida de uma pessoa? Como você acha que ela pode influenciar na vida da comunidade?

9)Você acha que a escola do Pouso é diferente da escola da cidade? Se sim, porque é diferente? Se não, porque é igual?

10)Que relação você tem com a comunidade? É uma relação extra-escolar? Acha importante essa relação?

11)Você lida com os conteúdos de que forma? Tem alguma forma especial? É da mesma forma com que lida com os alunos da cidade?

12)A prefeitura de Paraty ajuda a manter a escola de que forma? Você está satisfeita com o jeito que a escola é? O que você acha que poderia melhorar?

13)Você acha que os alunos do Pouso são iguais aos alunos da cidade? Porque?

Apêndice 2: Perguntas que nortearam a entrevista com membros da comunidade que não fossem professores ou ex-professores da escola.

1)Nome_____2)Idade_____

Mora no Pouso desde de:_____

3)Nível de escolaridade_____

4)Estudou ou estuda na escola do Pouso? (☐)Sim (☐) Não Se sim, até que série ou em que série está? _____

5)Tem filhos que estudam na escola do Pouso? (☐)Sim (☐)Não. Quantos?_____

Em que série estão? _____

6)Tem filhos que não estudam na escola do Pouso? (☐)Sim (☐)Não. Quantos?_____

Em que série estão?_____

Porque eles não estudam na escola do Pouso?

7)Você já utilizou o espaço da escola do Pouso para atividades da comunidade?

(☐)Sim (☐)Não

Que tipo de atividades e quantas vezes isto aconteceu?

Perguntas norteadoras da discussão:

8)Você acha que a escola é necessária para a vida de uma pessoa? De que forma ela é necessária? Foi necessária para a sua vida? De que forma ela foi necessária?

9)O que você se lembra de ter estudado lá? (Caso tenha estudado). Você se lembra de alguma situação onde tenha precisado dos conhecimentos que adquiriu na escola?

10)Você acha que a escola do Pouso é diferente da escola da cidade? Se sim, porque é diferente? Se não, porque é igual?

11)Você conhece os professores da escola do Pouso? Que relação tem com eles? Que relação eles tem com a comunidade?

12)A prefeitura de Paraty ajuda a manter a escola de que forma? Você esta satisfeita com o jeito que a escola é? O que você acha que poderia melhorar?

13)Caso tenha estudado na escola, o que mais gostava de fazer/aprender lá?

Anexo 1:

CARTA DE REPÚDIO À ATUAÇÃO DO INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE DO RIO DE JANEIRO NA RESERVA ECOLÓGICA DA JUATINGA, PARATY

Nós, do FÓRUM DE COMUNIDADES TRADICIONAIS, constituído por legítimos representantes das comunidades tradicionais quilombolas, indígenas e caiçaras, de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba, visando a proteção e garantia de nossos direitos, respaldados em diversas leis, vimos manifestar extrema indignação e repúdio à política de total desrespeito, arbitrariedade e fortes indícios de irregularidades, com que o INEA mantém a administração da Reserva Ecológica da Juatinga, no município de Paraty /RJ. O total abandono da região pelo Poder Público tem causado graves problemas às comunidades tradicionais caiçaras ali existentes, que desde a entrada do turismo de massa e da especulação imobiliária, sofrem todo tipo de pressão para deixarem seus territórios, ocupados há várias gerações.

Apesar da Reserva Ecológica da Juatinga ter sido criada com o objetivo de preservar a natureza e a cultura caiçara e, portanto, garantir a permanência dessas comunidades e suas gerações futuras em suas áreas de origem, desde a sua criação, há aproximadamente 17 anos, nenhuma providência foi tomada no sentido de atender às previsões legais do Decreto no que se refere ao fomento das comunidades caiçaras, nem tampouco quanto à obrigatoria regularização fundiária, prevista na lei que autorizou sua criação.

Nunca houve preocupação e qualquer esforço do órgão em fazer um trabalho educativo junto às comunidades tradicionais da região. Ao contrário, há sérios registros de ações contra estas populações realizadas de forma repressiva, autoritária e ilegal, motivando, inclusive, a propositura de ação civil pública contra a instituição.

O órgão já promoveu a derrubada de casas de moradores tradicionais, destruiu ranchos caiçaras, adotando, curiosamente, tratamento desigual em relação às construções irregulares de luxuosas mansões construídas integralmente em áreas de proteção permanente, em cima de costões rochosos, nas faixas de marinha e casas de veranistas, que permanecem intactas, de forma indevida dentro da REJ.

A ineficiência do órgão em impedir as construções irregulares e a privatização de praias é visível, podendo ser considerada até proposital, já que nenhuma providência é tomada, por exemplo, em relação a constante chegada de caminhões de material de construção para embarque na praia de Paraty Mirim, de onde sai grande parte do material para o interior da Reserva, sem nenhum controle.

A falta de comprometimento, o abandono e descaso do órgão em relação à

administração local, impossibilitando que o trabalho seja feito de forma correta, não deixam qualquer dúvida sobre suas verdadeiras intenções em expulsar as comunidades da REJ dos seus cobiçados territórios.

Nos últimos três anos, aproximadamente, a REJ teve 3 (três) diferentes chefes, sendo que o último, o Sr. Jaderson Mendes, foi o único que, nestes 17 (dezessete) anos, iniciou um trabalho junto com as comunidades, respeitando a legislação que garante a permanência das populações tradicionais em seus territórios. Certamente, este foi o motivo de sua exoneração.

A atuação irresponsável do Instituto Estadual do Ambiente tem propiciado, de um lado, a vulnerabilidade das comunidades e, de outro, uma política de favorecimento e concretização de interesses de grandes grupos econômicos e políticos da região.

Considerando que todos esses fatos afrontam diretamente os objetivos e princípios da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída pelo Decreto Federal nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, solicitamos que seja assegurado às populações tradicionais da REJ, em condições de igualdade, os direitos e oportunidades que a legislação nacional outorga aos demais membros da população. Solicitamos, portanto, que seja marcada com urgência uma reunião entre as lideranças que integram o Fórum de Comunidades Tradicionais da região, o presidente do INEA, Sr. Luiz Firmino Martins Pereira, e a Secretária de Estado do Ambiente do Rio de Janeiro, Sra. Marilene Ramos.

Por fim, considerando que a Constituição da República incube ao Ministério Público Federal a defesa dos interesses sociais e individuais indisponíveis, solicitamos a este órgão providências no sentido de ver garantido os direitos das comunidades tradicionais caiçaras que moram no interior da Reserva Ecológica da Juatinga.

Este documento está sendo entregue Ministério do Meio Ambiente, ao Instituto Estadual do Ambiente - INEA, à Secretaria do Ambiente - RJ, ao Ministério Público Federal, e à Defensoria Pública do Estado do RJ – núcleo Direitos Humanos.

Paraty, 21 de junho de 2009.

Comunidades Tradicionais que integram o Fórum:

Associação de Moradores do Quilombo Fazenda da Caixa – Ubatuba/SP

Associação de Moradores do Quilombo do Cambury – Ubatuba/SP

Associação de Moradores do Quilombo Campinho da Independência – Paraty/RJ

Associação de Moradores do Quilombo do Cabral – Paraty/RJ

Associação de Moradores do Quilombo do Bracuí – Angra dos Reis/RJ

Associação de Moradores do Sertão do Ubatumirim – Ubatuba/SP

Moradores do Cachadaço/Trindade – Paraty/RJ
Associação de Moradores do Sono, REJ - Paraty/RJ
Associação de Moradores da Ponta Negra, REJ - Paraty/RJ
Moradores de Martins de Sá, REJ – Paraty/RJ
Associação de Moradores do Pouso da Cajaíba , REJ – Paraty/RJ
Associação de Moradores da Praia Grande da Cajaíba, REJ – Paraty/RJ
Associação de Moradores de Paraty Mirim, REJ – Paraty/RJ
Aventureiro, Ilha Grande – Angra dos Reis/RJ
Parnaioca, Ilha Grande – Angra dos Reis/RJ
Praia Vermelha, Ilha Grande – Angra dos Reis/RJ
Praia da Longa, Ilha Grande – Angra dos Reis/RJ
Aldeia Indígena de Araponga – Paraty/RJ
Aldeia Indígena de Paraty Mirim – Paraty/RJ
Aldeia Indígena de Rio Pequeno – Paraty/RJ

Extraído de: <http://forumtradicionais.blogspot.com.br/>. Acesso em: 08-08-2014